

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM
HISTÓRIA

Bernardo Caldas

**A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NA
CATALUNHA E O PAPEL DO CLUBE
BARCELONA**

Niterói
2019

BERNARDO CALDAS

LINHA DE PESQUISA: POLÍTICA, MOVIMENTOS SOCIAIS E MEMÓRIA

**A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NA CATALUNHA E O PAPEL DO CLUBE
BARCELONA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Mary Del Priore

Niterói
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Caldas, Bernardo

C145 A luta pela independência na Catalunha e o papel do clube
Barcelona / Bernardo Caldas. -- Niterói, RJ, 2019.

84p.

Referências: P. 80-84

Orientadora: PhD Mary Lucy Murray Del Priore

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de
Oliveira, 2019.

1. Catalunha (Espanha) - História. 2. Catalunha (Espanha) -
Independência. 3. Barcelona (Clube) – Independência – Futebol.

I. TÍTULO.

CDD 914.672

Elaborado pela Biblioteca Rachel de Queiroz, com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

BERNARDO CALDAS LEITE E SILVA

**“A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NA CATALUNHA E O PAPEL DO CLUBE
BARCELONA”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 17 de dezembro de 2019 pela banca examinadora, composta pelos professores:



Prof.ª Dr.ª Mary Lucy Murray Del Priore
Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF)



Prof.ª Dr.ª Claudia Cristina de Mesquita Garcia Dias
Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

Resumo

O presente trabalho propõe uma análise do movimento separatista da Catalunha, tomando como ponto de partida as questões históricas, culturais, territoriais, políticas e econômicas que permeiam a luta do povo catalão por sua independência da Espanha. Pretende-se investigar a formação da identidade catalã, contextualizando historicamente fatos que contribuíram para o idealismo separatista do povo catalão. Será analisado, nesse contexto, o papel do clube esportivo mais famoso e representativo da região, o Futebol Clube Barcelona, que funciona como um instrumento histórico-cultural que carrega a identidade separatista catalã.

Palavras-chave: Catalunha, independência, Barcelona, futebol, Gerard Piqué.

Abstract

The present work proposes an analysis of the separatist movement of Catalonia, taking as its starting point the historical, cultural, territorial, political and economic issues that permeate the struggle of the Catalan people for their independence from Spain. The intention is to investigate the formation of Catalan identity, contextualizing historically facts that contributed to the separatist idealism of the Catalan people. In this context, the role of the most famous and representative sports club in the region, the Football Club Barcelona, will be analyzed, which acts as a historical-cultural instrument that carries the Catalan separatist identity.

Keyword: Catalonia, independence, Barcelona, soccer, Gerard Piqué.

Sumário

Introdução	08
Capítulo I – Nacionalismos na Espanha versus Nacionalismo Espanhol: uma perspectiva histórica	
1.1. O que é nacionalismo?	12
1.2. Os nacionalismos conflitantes na Espanha contemporânea	18
1.3. O que é a Catalunha?	28
Capítulo II – Antecedentes da Catalunha livre e o clube Barcelona	
2.1. Precedentes do independentismo	35
2.2. A influência do esporte na política e nas relações internacionais	44
2.3. O clube Barcelona e o seu papel no movimento catalão	49
Capítulo III – Catalanismo e FC Barcelona: de 2008 à 2019	
3.1. FC Barcelona: de 2008 à 2019	61
3.2. Piqué e a face do Catalanismo	71
Considerações finais	76
Referências bibliográficas	80

Introdução

Movimentos separatistas podem estar ligados a vários fatores, dentre os quais: religiosos, étnicos, políticos, sociais e raciais. Em grande parte, dizem respeito a grupos que se sentem prejudicados por um governo central. Deste modo, tentam por meio do processo de independência assegurar uma forma de conseguir maiores direitos e visibilidade para a sua população. Desde o século XIX, o nacionalismo tem sido uma das forças que dominam as políticas nacionais e a política internacional. Os processos de unificações de Estados, como a Alemanha e a Itália; as guerras mundiais e as revoluções, que moldaram o sistema internacional, são marcadas por fenômenos ligados ao nacionalismo. O nacionalismo não deve ser necessariamente percebido como um fenômeno que só se manifesta de maneira violenta, ou através de manifestações radicais. As identidades nacionais fazem parte dos Estados democráticos que contam com uma base identitária. Quando tal base é plural, isto é, quando comporta mais do que uma identidade nacional dentro das suas fronteiras, a democracia pode, de modo inclusivo, fornecer os instrumentos necessários para canalizar os conflitos que decorram da sobreposição de interesses dos múltiplos nacionalismos presentes, como ocorre no caso da Catalunha na Espanha (ROMÃO, 2013).

A Catalunha é uma comunidade autônoma localizada na Espanha e seu território abrange quatro províncias: Barcelona, Girona, Lérida e Tarragona. Sua população tem cerca de 7,5 milhões de habitantes¹ (aproximadamente 16% da população espanhola). Os catalães têm língua própria, o catalão, e tradições culturais, políticas e jurídicas diferenciadas, que configuram a personalidade de sua população.

Há grupos significativos dentro da população catalã que lutam pelo direito de se autogovernar e de estabelecer um estado-nação catalão. Os catalães alegam que sua cultura é distinta da espanhola, sustentando que a presença do seu povo na região antecede a própria criação do Estado espanhol, e que sua região é oprimida historicamente pela Espanha, com sua cultura e língua sofrendo diversas repressões ao longo da história. Outro argumento é o de caráter econômico, posto que a Catalunha considera que sua região estaria sofrendo uma exploração econômica por parte do governo central, já que,

¹ Disponível em: <<http://www.datosmacro.com/demografia/poblacion/espana-comunidades-autonomas/cataluna>>. Acesso em: 26/07/2017.

segundo eles, os impostos direcionados ao governo espanhol não seriam traduzidos em investimentos na Catalunha.

Pujals (2011) acredita que os catalães percebem a independência como um instrumento para reforçar sua identidade cultural e linguística e para fortalecer seus direitos de autonomia referente a interesses econômicos e políticos próprios, no entanto, a Espanha é contrária a independência catalã, já que tal fato traria prejuízos aos espanhóis no aspecto econômico, pois não seriam mais arrecadados impostos da Catalunha, além da fragmentação de seu território, sendo isso elemento constitutivo imprescindível para qualquer Estado soberano.

Os catalães defendem ainda a ideia de que a Catalunha, mesmo enquanto parte integrante da Espanha, possa ter seleções esportivas próprias, diferentes das seleções espanholas. Com isso, participar de eventos, como as Olimpíadas e os campeonatos mundiais, e, dessa forma, tentar repetir o sucesso do seu maior orgulho nacional: o Futebol Clube Barcelona.

O Barcelona é um dos clubes mais influentes do planeta e têm milhões de torcedores espalhados pelo mundo. O clube catalão ajudou a popularizar a Catalunha e o seu processo de independência (DAMO, 2002). Grande parte da identificação entre o clube e a região diz respeito à história de ambos: durante a ditadura franquista, o Barcelona, tal qual a Catalunha, sofreu inúmeras sanções, desde contratações dificultadas até a resultados manipulados. Além disso, o clube foi obrigado a retirar a bandeira da Catalunha de seu escudo e colocar a bandeira espanhola. A língua catalã foi proibida de ser falada na Espanha e o único local em que ela podia ser pronunciada era no Camp Nou, estádio do Barcelona. A relação entre Barcelona e Catalunha se tornou ainda mais forte a partir do momento em que o então presidente do Barcelona, Josep Sunyol, foi morto em 1936, fuzilado pelas tropas franquistas, enquanto defendia os interesses da região e do clube. A cultura catalã foi totalmente reprimida pelo governo central e a única forma de expressão do povo catalão era o Barcelona. Neste contexto, surgiu a frase: “Barcelona é mais que um clube.”²

Devido à grande importância do Barcelona para a causa separatista, este trabalho pretende analisar fatos histórico-culturais relevantes que envolvam o clube e suas articulações com a causa catalã. Este estudo apresenta-se com um viés pouco tratado em trabalhos científicos retratando o clube Barcelona como difusor mundial da causa catalã,

² Disponível em: <<https://www.fcbarcelona.com.br/clube/identidade/card/mais-que-um-clube>>. Acesso em: 20/10/2016.

tornando assim essa pesquisa um grande desafio e uma oportunidade de abordagem inovadora.

Para a realização deste trabalho buscou-se selecionar, inicialmente, fontes que abordassem a complexa questão dos conceitos que pautam a vontade separatista catalã: o nacionalismo e a aspiração de fazer parte de uma nação soberana; a construção da ideia de nação e todas as suas particularidades; e a identidade com o seu sentimento de pertencimento. Para isso, utilizou-se dos pensamentos de dois autores que são referências mundiais em tais temas: Eric Hobsbawn³ e Benedict Anderson⁴. Mais uma fonte de grande valia foi o clássico livro escrito por diversos estudiosos da área: “Um mapa da Questão Nacional⁵”. Posteriormente, procurou-se trabalhos que abordassem o conflituoso nacionalismo presente dentro da Espanha. Para tal fim, utilizou-se, dentre outros trabalhos, os conhecimentos teóricos e empíricos do professor espanhol Xosé Manoel Núñez Seixas⁶.

Na abordagem referente a Catalunha, as explanações do historiador catalão Pere Anguera⁷ foram de suma importância, já que é a visão de alguém de dentro da região. Ao mesmo tempo, Jaume Sobrequés⁸ traz fatos históricos e relevantes que pautam o nacionalismo catalão. Além disso, a revista “*Spagna Contemporanea*” apresenta diversos artigos relacionados ao tema do trabalho, como o de Daniele Serapiglia⁹, no qual é discutida a relação entre o clube Barcelona e a Catalunha. Como fonte primária, a Constituição Espanhola de 1978 teve grande valia.

Essa pesquisa, quanto aos fins, pode ser classificada como sendo descritiva e explicativa, conforme Sylvia Constant Vergara.¹⁰ Descritiva porque pretende relatar

³ HOBBSAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2004.

⁴ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁵ ANDERSON, Benedict. et al. *Um Mapa da Questão Nacional*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2000.

⁶ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé. *Os nacionalismos na Espanha contemporânea: uma perspectiva histórica e algumas hipóteses para o presente*. 1995.

⁷ ANGUERA, Pere. *Cataluña en la España contemporánea*. Lleida: Milenio, 2006.

⁸ SOBREQÜÉS, Jaume. *Història de Catalunya*. Catalunha: Editorial Base, 2011.

⁹ SERAPIGLIA, Daniele. *Barça, més que un club: le radici del catalanismo blaugrana nel contesto della sportivizzazione spagnola*. 2016.

¹⁰ VERGARA, S. *Projeto e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas Editora, 2003.

grande parte da conjuntura do movimento separatista catalão. Do mesmo modo, a pesquisa é explicativa, uma vez que busca analisar e explicar a importância do clube Barcelona na causa catalã.

A estrutura do trabalho foi dividida em introdução, três capítulos e conclusão. No primeiro capítulo foi trabalhado o conceito de nacionalismo de uma forma ampla, depois o nacionalismo espanhol e, em seguida, o nacionalismo catalão. No segundo capítulo foram abordados fatos relevantes, como o franquismo, que fortaleceram o sentimento independentista na Catalunha. Além disso, também, foi explicitado como o esporte pode influenciar de forma significativa na política e nas relações entre os países, sendo o clube esportivo Barcelona o principal propagador da ideia independentista catalã. No terceiro capítulo foi dada continuidade a análise do papel do Barcelona na causa catalã e também foi feito um estudo de caso sobre Gerard Piqué, jogador do Barcelona e grande defensor da independência catalã, no nosso recorte temporal de 2008 a 2019.

Nesse ensejo, é importante deixar claro que a análise aos jornais e artigos não os limitou por região, Estado ou posição política. Se houvesse tal limitação perder-se-iam informações de grande valia para a pesquisa.

I – Nacionalismos na Espanha versus Nacionalismo Espanhol: uma perspectiva histórica

1.1 O que é nacionalismo?

É difícil pensarmos, segundo Anderson et al. (2000), em um fenômeno político tão intrigante e com menos consenso analítico quanto o nacionalismo. Tal fenômeno está presente há no mínimo dois séculos na face da Terra, ou seja, com tempo suficiente para ser compreendido de forma clara, no entanto não é isso o que ocorre. Os autores não entram em consenso sobre o seu verdadeiro significado e caminham para horizontes diferentes. Discorda-se, por exemplo, sobre as suas origens e o seu futuro. Sua difusão global também traz discordâncias: se por um lado, é visto com bons olhos pelos que o consideram um símbolo da identidade e emancipação, por outro, é definido como uma metástase maléfica pelos seus críticos; seus defensores alegam que os Estados nacionais são estruturas vitais na organização da convivência humana, pensamento este, mais uma vez, rebatido com a alegação de que tais estados são ultrapassados e em vias de superação.

Guimarães (2008) afirma que nacionalismo são sentimentos conscientes que tomam a nação como um objeto de devoção ativa. Outra definição do autor sobre tal conceito é que é um desejo de independência política perante um Estado estrangeiro opressor. O autor acredita que os movimentos nacionalistas têm como grande objetivo o estabelecimento de um novo Estado ou a alteração das políticas do Estado vigente para privilegiar os seus interesses. Anderson et al. (2000) compactua com o pensamento de Guimarães (2008) e assevera que nacionalismo é a visão que confere absoluta prioridade aos valores da nação perante quaisquer outros valores e interesses. Em contrapartida, os críticos alegam que o ressurgimento do nacionalismo em várias partes do mundo é o principal risco para a paz mundial. Eles atribuem tal conceito ao terror totalitário e a desestabilização global.¹¹

¹¹ Movimentos nacionalistas têm tamanha força que tiveram grande contribuição para o início da Primeira Guerra Mundial, porém, segundo Anderson et al. (2000), o nacionalismo catalão não põe em risco a paz no continente europeu, visto que não é de uma nação que possui grande peso internacional, logo tal movimento poderia dar origem apenas a instabilidades regionais.

Anderson et al. enxerga a cultura e a história como dois grandes vetores fomentadores do nacionalismo:

Ele é um discurso homogeneizador, diferenciador ou classificatório: dirige seu apelo a pessoas que supostamente têm coisas em comum, em contraste com pessoas que se acredita não terem ligação mútua. Nos nacionalismos modernos, entre as coisas mais importantes a ter em comum figuram certas formas de cultura e tradição, além de uma história específica. Uma grande força matriz do sentimento nacional provém do entusiasmo que a história desperta. Na narração da história, a ideia de nação liga-se a ideia de seu destino, à memória de lutas heroicas, de vitórias e de derrotas. Toda a ligação que alguém de hoje pode sentir com o povo lutador do passado transforma-se então em amor pela nação.¹²

Hobsbawn (2004) julga separatista e não unificadora a essência dos movimentos nacionalistas contemporâneos. O autor ainda afirma que existe a propensão de uma redução do nacionalismo no mundo, posição esta divergida por Anderson (2008), que acredita que estamos em uma época de recriação das maneiras de pensar as identidades e as comunidades nacionais. Costa (2008) corrobora com o pensamento de Anderson (2008) e afirma que por meio de diversos fatos, como a luta catalã pela independência e a desintegração da Iugoslávia, tópicos, como nações e nacionalidades, identidades políticas e culturais, soberania do Estado-nação e autodeterminação voltam à tona com grande recorrência e protagonismo.

O nacionalismo também está presente no mundo contemporâneo, notadamente, com a crise dos refugiados, que buscam abrigo em outras nações. Em muitas dessas nações há grande resistência de aceitá-los em seu próprio território, pois existe o receio que isso acabe com a cultura do povo local e influencie negativamente na preservação de suas tradições. Existe ainda os que consideram os imigrantes como possíveis delinquentes que poderão tirar a paz local. Um dos exemplos é o atual presidente estadunidense, Donald Trump, que quando se elegeu prometeu construir um muro entre os Estados Unidos e o México, no intuito de evitar que imigrantes mexicanos adentrassem as

¹² ANDERSON, *Um Mapa da Questão Nacional...* p. 240.

fronteiras estadunidenses.¹³ Mais um exemplo, é o *Brexit*¹⁴ que ocorreu no ano de 2016, com um referendo no Reino Unido referente a permanência ou não na União Europeia. Um dos principais motivos de tal referendo foi a insatisfação com a política da União Europeia que era de acolhimento aos refugiados. A maioria das pessoas votou pela saída da União Europeia¹⁵ com o lema “Queremos nosso país de volta”. Apesar do nacionalismo atual das democracias consolidadas ser diferente do de épocas passadas, alguns traços são bem similares, como a criação de um sentimento da existência de inimigos externos, neste caso, os imigrantes e refugiados, e também discursos xenofóbicos que trazem a ideia da superioridade de uma determinada nação.¹⁶

A partir da análise das diversas assertivas, como a prioridade aos valores nacionais e a vontade de autonomia perante um outro estado opressor, relacionadas à questão do nacionalismo, percebe-se que este é um fenômeno cultural e politicamente construído, alicerçado sobre vários vetores, tais como etnia, território, idioma, religião, formas de governo, identidades oprimidas e, especialmente, pelo interesse de determinado grupo que por alguma circunstância se sente subjugado (CHAGAS, 2014).

Outro conceito complexo, de difícil compreensão e que gera discussões entre os pensadores é o de nação, ao qual Anderson et al. (2000) assevera, de forma irônica, que nação é um fenômeno que compreendemos desde que não nos façam perguntas sobre ele. O autor traz diversos questionamentos, em primeiro lugar, ele questiona o fato de que se a nação é uma comunidade de pessoas que descendem da mesma origem, por que temos inúmeras nações com pessoas de descendências diferentes? Por exemplo, a França, no qual seu povo tem origem nos romanos, nos gauleses, nos bretões e nos teutônicos. Outra indagação diz respeito ao fato de que se é a língua em comum que une as pessoas em uma nação, por que existem povos que falam a mesma língua e nem por isso são uma única nação? Por exemplo, Brasil e Portugal. Em contrapartida, e para trazer mais interrogações ao tema, existem os judeus, que mesmo não tendo uma língua em comum, são considerados uma nação.

¹³ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/confira-discurso-de-posse-de-donald-trump-nos-eua-1-20805513>> Acesso em: 02/11/2019.

¹⁴ *Brexit* é a abreviação de *Britain Exit*, que significa “Saída Britânica”. Tal termo se refere ao plano que prevê a saída do Reino Unido da União Europeia.

¹⁵ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/24/internacional/1466741749_403437.html>. Acesso em: 02/11/2019.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.politize.com.br/nacionalismo>> Acesso em: 02/11/2019.

Anderson (2008) afirma que antes de existirem como tal, as nações são comunidades imaginadas, são sustentadas pela vontade de conservar uma ligação entre seus integrantes, de serem soberanas e diferentes de outras nações. O autor justifica: é uma comunidade, pois a nação sempre é concebida como um grande companheirismo horizontal; é imaginada, pois os indivíduos das nações nunca conhecerão grande parte dos outros membros; e soberana, pois o conceito foi criado em um momento no qual o Iluminismo e a revolução estavam acabando com a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina. Castells (2010) corrobora o pensamento de Anderson (2008) ao considerar que toda nação seria uma comunidade culturalmente criada nas mentes e na memória coletiva dos indivíduos por meio de histórias e de projetos políticos compartilhados. Anderson et al. (2000) acrescenta que as nações são criadas na imaginação histórica e sociológica, por meio da identificação com heróis comunitários. Andrade (2010) salienta que dizer que a identidade nacional é imaginada, não denota que a mesma não seja real, já que tais identidades criam sentimentos e práticas sociais que realmente despertam na população um sentimento de pertencimento.¹⁷

Núñez Seixas ratifica a ideia das comunidades imaginadas e acrescenta:

Do ponto de vista analítico-científico (como cidadão cada um pensa como quiser), o mais certo é considerar a nação um imaginário social, ou seja, uma comunidade imaginada, que existe na medida em que os seus integrantes estão convencidos da sua existência: as nações não existem nem estão predeterminadas desde tempos remotos, mas são fruto do convencimento dos indivíduos que as integram, muito especialmente da elaboração teórica dos nacionalistas, que as transformam em imagens compartilhadas por um coletivo humano, em imaginários sociais. Assim, as nações são produto de fatores históricos e evolutivos, inserindo-se em processos dinâmicos de construção da identidade coletiva; por isso são os nacionalismos que constroem as nações, e não o contrário.¹⁸

¹⁷ Vale ressaltar que a veracidade da teoria das comunidades imaginadas, criada por Benedict Anderson, não é consenso entre os pensadores, os críticos alegam que a experiência de pertencer a uma nação é tênue e superficial.

¹⁸ NÚÑEZ SEIXAS, *Os nacionalismos na Espanha contemporânea...* p. 490.

Anderson et al. considera que a concepção das comunidades imaginadas viria a explicar o primeiro passo do nacionalismo:

A visão da teoria das comunidades imaginadas faz sentido se entendermos o nacionalismo em estágios, começando pela elaboração de ideias, depois para a construção de movimentos políticos e culminando na sua transformação em um sentimento aceito por uma sociedade inteira.¹⁹

Hobsbawm (2004) considera que o conceito de nação, tal qual como concebido atualmente, inicia-se no século XVIII e se solidifica gradativamente até o século XX, opondo ideias nacionalistas, que comumente mencionam a nação como entidade social básica e eternizada. Para o autor o nacionalismo antecede as nações, e não o oposto. A partir do século XVIII ocorreu o “despertar das nacionalidades” na Europa, transformando dessa forma um direito adormecido em uma aspiração bem como um sentimento em uma reivindicação política. No antigo sistema europeu, os direitos das nacionalidades não eram reconhecidos pelos governos e o interesse das famílias reinantes preponderava em detrimento dos anseios da nação e do povo, porém, pela primeira vez na história moderna, um grande estado, a Polônia, foi segregado e excluído. A partir de então, passou a existir uma nação que reivindicava ser unificada em um estado e que contestava o fato de seu povo ter sido proibido de constituir uma comunidade independente. Logo, a nova autoridade central teve que ser instituída em um princípio de unidade, os valores étnicos passaram a prevalecer em detrimento da tradição e a autoridade do poder central dependia de um todo, isto é, havia um poder acima do estado, a ideia da soberania do povo, não controlada pelo passado, deu origem a nacionalidade.²⁰

Guibernau (1997) descreve a nação como um grupo de pessoas com uma cultura e um passado em comum, com um território demarcado e que pleiteie o direito de se autogovernar. Guimarães (2008) corrobora com a visão de Guibernau (1997) e acrescenta que a nação é uma comunidade de pessoas vinculadas social e economicamente, e que têm uma visão de futuro em comum e que creem que esse futuro será melhor se se

¹⁹ ANDERSON, *Um Mapa da Questão Nacional...* p. 168.

²⁰ Nos tempos de guerra, antes da ideia de nacionalidade, como não havia nenhuma causa nacional em jogo, os inimigos chegavam ao ponto de se cumprimentar.

mantiverem unidas. Três laços são apontados como insubstituíveis: a lembrança de algum passado em comum, laços linguísticos²¹ ou culturais profundos e uma concepção que afirme a igualdade de todos os membros do grupo.

Uma nação pode ser definida como uma comunhão de caráter que brota de uma comunhão do destino, e não de uma mera semelhança do destino. Essa é também a importância da língua para uma nação. Crio uma língua em comum com as pessoas com quem mantenho a comunicação mais estreita; e, com as pessoas com quem partilho uma língua comum, mantenho a comunicação mais estreita.²²

Núñez Seixas acrescenta o legítimo direito à autodeterminação a ideia de nação, direito este almejado pela Catalunha:

Uma nação é todo o coletivo de pessoas que sentem um vínculo de natureza ancestral com base em uma série de fatores comuns variáveis (etnicidade, territorialidade, história, etc.) e que consideram que esse coletivo é a principal referência de delimitação territorial do poder e da soberania. Definir que um determinado coletivo é uma nação pressupõe, assim, aceitar o seu direito à autodeterminação, ou seja, a determinar livre e coletivamente qual o seu destino, enquanto esse conjunto de indivíduos é o sujeito de direitos políticos coletivos ligados a um determinado território. Logo, nacionalismo é aquela doutrina política que defende o direito à autodeterminação para uma nação concreta e que, por essa razão, assume e defende que esse coletivo humano é a principal referência e a base da legitimidade política.²³

No período moderno, a nação tornou-se um símbolo poderoso e uma base de classificação em um sistema global de estados nacionais. Ela é crucial tanto para o modo

²¹ A língua é o instrumento da educação e de toda a comunicação econômica e intelectual. A extensão efetiva da cultura é marcada pela possibilidade de compreender através da linguagem. A Espanha sofre pelo fato de não ter uma língua nacional uniforme.

²² ANDERSON, *Um Mapa da Questão Nacional...* p. 58.

²³ NÚÑEZ SEIXAS, *Os nacionalismo na Espanha contemporânea...* p. 489.

como um estado se liga a seus membros, diferenciando-os dos membros de outros estados, quanto para o ambiente estatal mais amplo, como na relação de um estado com os demais. Como símbolo, a nação legitimou diversos atos e movimentos sociais. Segundo essa perspectiva, o nacionalismo é a utilização do símbolo “nação” pelo discurso e a atividade política e também o sentimento que leva as pessoas a reagirem ao uso desse símbolo.

A identidade nacional, tal qual os conceitos vistos acima, também gera controvérsias, por exemplo, com relação a sua gênese e também sobre quais os papéis históricos cumpriu. Hall (2005) considera difícil conceituar identidade, o autor avalia que tal conceito é complexo e pouco desenvolvido. Ele salienta que os indivíduos assumem diferentes identidades em situações distintas, considerando que a identidade não é algo que nasce com os indivíduos e sim formada ao longo do tempo por meio de processos inconscientes.

Bradley (1996) define que identidade é a maneira como as pessoas se veem dentro da sociedade na qual vivem e também como veem os outros em relação a elas mesmas. Norton (2000) considera que é o modo como o indivíduo compreende sua relação com o mundo, bem como tal relação é moldada no decorrer dos anos e do espaço, e também como o indivíduo percebe possibilidades futuras. Castells (2010) diz que a identidade é a fonte de significado e experiências de um povo.

As comunidades procuram conservar suas características, seus hábitos e costumes, o que podemos chamar de suas identidades, com o objetivo de evitar a descaracterização de sua cultura. As identidades, no que se refere a como foram construídas, devem ser vistas dependentes do contexto social. Este exercendo importante função na consolidação destas identidades. (FOETSCH, 2007).

1.2 Os nacionalismos conflitantes na Espanha contemporânea

A formação do estado-nação europeu é um processo cujo início é difícil de afirmar com precisão e tal momento histórico dependerá da importância que o autor dá a cada marco relevante na constituição do que hoje chamamos de estados-nação; somando-se a isso, os diversos nacionalismos europeus criarão narrativas no qual o surgimento dos mesmos se encontrariam, de maneira anacrônica, em momentos anteriores ao surgimento de qualquer movimento nacionalista (HOBSBAWM, 2012). O surgimento do primeiro território identificado com um estado-nação europeu em linhas próximas as atuais, ocorreria, por exemplo, com Portugal no século XII, especificamente, em 1139, com a

independência do território hoje conhecido como Portugal, do reino de Leão (hoje em dia parte do estado espanhol) por Afonso Rodrigues (ENNES, 2018). Entretanto, em 1139, Portugal tinha somente um dos fatores vistos como necessários para a existência de um estado, no caso, o território. A ideia de povo português, de soberania portuguesa, ou ainda, de um estado português não existia, assim como não existia em qualquer outro lugar da Europa; a própria existência de um idioma português pode ser posta em dúvida, posto que em tal momento, haveriam somente dialetos regionais que viriam a se tornar o que conhecemos como português.

Os fatores sublinhados por Benedict Anderson (2008) para a existência dessas comunidades imaginadas que formariam as nações, ou seja, o surgimento de um idioma comum, fenômeno que ocorreria em grande escala devido à imprensa padronizando um idioma pátrio e a substituição de idiomas sacros por parte de uma elite nobre em prol desse mesmo idioma; símbolos nacionais que seriam reconhecidos por todos dentro de um território; a noção de pertencimento a uma comunidade na qual os indivíduos não conheceriam todos, mas se imaginariam como tendo algo em comum, ainda não era uma realidade na Idade Média, na escala territorial dos estados nação atuais, mesmo que muitos dos países atuais tivessem reis que governassem reinados que se desenvolveriam nos estados atuais.

Este fenômeno só se estabeleceria, ao redor do continente, a partir do século XVIII, que é o período no qual a maior parte dos territórios europeus passariam a se ver representados em uma nação em consonância com as populações presentes em tais territórios; ao menos tal seria o objetivo. Assim, o estado-nação surgiria após a nação em si, ou ao menos, após a ideia de nação em si; o estado seria assim mais uma expressão do nacionalismo que surge a esteira de todo o processo citado anteriormente.

Já o surgimento da ideia de nação como conceito relevante para o sistema internacional da época pode ser visto com a Paz de Vestefália, no ano de 1648. Realizada após o final da Guerra de Trinta Anos, a Paz de Vestefália, surge como forma de resolver os diversos conflitos, a maioria devido a pretextos religiosos ou territoriais, e vaticina, em linha gerais, a seguinte proposição: cada território teria o direito de escolher e de comungar da sua religião de escolha. Tal evento não marcaria em si o surgimento dos estados-nações, mas somente dos estados, ao criar mecanismos que passariam a reconhecer os estados, mutuamente, como instituições políticas, distintas, autônomas, relevantes e representativas dentro do continente europeu (KISSINGER, 1995), posto que

legaria uma autoridade dentro de cada território a ser exercida com autonomia e soberania dentro do mesmo, sem interferência externa.

Dentre os aproximadamente 140 anos de tal evento, e o ano de 1780, marco utilizado por Hobsbawm (2012) em “Nações e Nacionalismos desde 1780”, ocorrem os elementos citados por Benedict Anderson (2008) como essenciais para o surgimento do fenômeno do nacionalismo. Faz-se necessário lembrar também que as mitologias nacionalistas identificam o surgimento das nações, ou seja, dos povos que constituiriam as mesmas em momentos bem anteriores a essas duas datas, e portanto, anteriores ao fenômeno do nacionalismo como nós o entendemos na atualidade. Assim, tem-se o surgimento (ou ainda, a criação ou resignificação) de tradições nacionais e nacionalistas que datariam de tempos bem mais antigos que o surgimento das nações e dos estados-nações em si. Logo, as nações e os nacionalismos não são dados naturais e que surgem a priori; mas sim são construções sociais complexas e que se articulam com diversas narrativas em relação ao passado de tais povos, necessitando, portanto de diversas disputas de poder e de capital cultural (BOURDIEU; PASSERON, 1964) para que os indivíduos possam ser vistos como pertencendo (ou não) a determinado grupo. Há, assim, um processo histórico de convencimento dos indivíduos ao pertencimento e lealdade aos diversos nacionalismos ao redor do mundo, e não somente um dado apriorístico no qual o sujeito por nascer em tal local deveria, necessariamente se identificar com um nacionalismo ancestral.

Tem-se, portanto, uma proposição na qual a Europa seria um continente, historicamente ocupado por diversos povos distintos, e com culturas e elementos culturais que os diferenciariam entre si. Culinária, literatura, música, língua, costumes, danças, artesanato, padrões estéticos, entre outros, seriam elementos que tais povos teriam de maneira única e que os diferenciariam uns dos outros, e que, além disso, a cultura seria instrumentalizada como elemento constitutivo da nação. Assim, adotando a perspectiva proposta por Fredrik Barth (1969), o pertencimento a um grupo A se daria em oposição ao não-pertencimento a determinado grupo B. E as narrativas nacionalistas afirmariam que o não-pertencimento a B se daria, justamente, pelos fatores culturais que formariam o grupo A tal como ele o seria. Tais povos, ou ainda, grupos nacionais, especialmente após o fim da Primeira Guerra Mundial, deveriam ser representados por seu próprio estado-nação, mais um símbolo de pertencimento que cada povo teria de distinto entre si. Assim surge uma idealização – que ficaria associada fortemente aos 14 pontos de Wilson – e que seria um elemento discursivo importante no surgimento e na sustentação da Liga

das Nações²⁴, que é a autodeterminação dos povos. Logo, tem-se a ideia de que se a Europa seria formada por diversos povos distintos, os mesmos deveriam ter uma representação política internacional através de um estado, e os mesmos deveriam ter o controle de sua própria história e de sua nação dentro da mesma estrutura política, contando ainda, com o reconhecimento internacional por outras nações.

Tal proposição tem um tom abertamente idealista, posto que, ao enxergar a Primeira Guerra Mundial como causada por disputas nacionais dentro de determinados estados, e propor como possível solução para tais dilemas o estabelecimento de um estado para cada povo com reivindicação nacional, acaba-se por relegar em segundo plano, tanto a política internacional que teria possibilitado até aquele momento a existência de povos que não tenham se reunido em estados, quanto de povos que sejam subjugados dentro de estados, ou ainda, de povos que se reconheçam como um só, mas que estariam divididos em um ou mais estados distintos. Assim, a autodeterminação dos povos, enquanto posicionamento político, encontra mais eco em termos morais do que em termos práticos, e estaria, portanto, sujeita aos mesmos desígnios de poder que influenciariam a política de uma maneira mais ampla e que teriam levado a explosão da Primeira Guerra Mundial.

Considerando tudo isso, o caso espanhol (e por caso espanhol o autor refere-se a Espanha enquanto entidade nacional, o que inclui outras nacionalidades para além da espanhola, e não como nacionalismo) é um caso extremamente singular dentro da União Europeia. As grandes questões fronteiriças de territórios nacionais e os nacionalismos que levaram a Europa a tantas guerras ao longo de séculos, e que fora um dos motivadores tanto da Primeira, quanto da Segunda Guerra Mundial, após o fim da mesma, foram, majoritariamente, resolvidos, ao menos na Europa Ocidental²⁵. Após tal momento histórico, e considerando os países que hoje constituem a União Europeia²⁶, apenas três

²⁴ A Liga das Nações, criada em 1919, foi uma organização internacional que tinha como objetivo evitar guerras e garantir a paz entre as nações.

²⁵ Para isso basta nós nos lembrarmos que Gavrilo Princip, o homem que assassinou o Arqueduke Francisco Ferdinando em Sarajevo, atual Sérvia, era um Sérvio nascido na atual Bósnia, e que militava em uma organização em prol do Pan-Eslavismo. Além disso, o conceito de *Lebensraum*, proposto pelo geógrafo Friedrich Ratzel foi um dos principais motivadores da expansão nazista. *Lebensraum* seria o espaço vital que a nação alemã deveria ocupar para o desenvolvimento da raça ariana. Ambos os casos mostram como os ideais étnicos e nacionalistas se imiscuíam com a forma com as quais os estados moldavam seus territórios.

²⁶ No continente europeu, para além da União Europeia, a situação torna-se bem mais complexa. O conflito civil na antiga Iugoslávia e o surgimento de estados após o fim da mesma. A invasão da Criméia, em território ucraniano, pela Rússia; além do engajamento da Rússia na Guerra Civil Ucraniana, a ocupação

apresentaram conflitos internos relacionados a motivos nacionalistas que seriam capazes de dominar parte considerável da agenda política do país após o fim da Segunda Guerra Mundial: o Reino Unido, a Irlanda e a Espanha. O Reino Unido teve um plebiscito realizado na Escócia para decidir pela independência da mesma ou pela continuação sobre controle de Londres; por uma margem pequena (55% x 45% aproximadamente), os escoceses escolheram permanecer no Reino Unido. Apesar da derrota, o desejo independentista ainda é bastante grande. Um ponto claro de contenção diz respeito a União Europeia, posto que, apesar do Reino Unido ter votado a favor da saída, os escoceses, majoritariamente, votaram pela permanência na instituição europeia.

Já na Irlanda, as disputas religiosas impeliram tanto a Irlanda quanto a Irlanda do Norte (que faz parte do Reino Unido) a conflitos civis, atentados terroristas e forte repressão britânica durante as décadas de 1970 e 1980. Hoje em dia, a situação encontra-se pacificada, e as ruas de Belfast são bem mais seguras do que jamais foram. Ironicamente, entretanto, com a retirada do Reino Unido da União Europeia, a fronteira entre a Irlanda e o Reino Unido (no caso representado pela Irlanda do Norte), e que até o momento, é uma fronteira aberta, poderá ter seu status revisto em função do Brexit, o que poderia reacender as chamas do nacionalismo irlandês no território do norte do país.

A Espanha, que é o foco deste trabalho, tem também um histórico importante de disputas políticas e nacionalistas dentro de seu território nacional. Movimentos independentistas e nacionalistas, tanto bascos quanto catalães, ajudaram a moldar a história da nação, e até hoje imprimem sua influência no cotidiano do país, o que pode ser visto tanto em relação as narrativas quanto em situações corriqueiras, que vão do futebol até a política, por exemplo, com o referendo de independência da Catalunha que ocorrera no ano passado levando a maior tensão nas relações entre Barcelona e Madrid desde o fim da ditadura franquista.

A Espanha e Suas Nações

Na Espanha, assim como o resto da Europa Ocidental, a consolidação do estado-nação se dá durante o século XVIII. Em tal país, entretanto, o processo de “*state-building*” não ocorre de maneira tão eficiente quanto em diversos outros países europeus. Ao considerarmos que a Espanha, enquanto um império, e com o seu território na Europa

de parte da Geórgia também pela Rússia foram todos motivados por um pretexto russo de proteger minorias étnicas russas em tais países.

dentro de fronteiras essencialmente semelhantes às de hoje, já é existente desde o final da Idade Média, em oposição, por exemplo, à Itália e a Alemanha que se consolidam, efetivamente, em 1870 e 1871, nota-se que, enquanto a Espanha tem movimentos nacionalistas e separatistas bem fortes, tanto a Itália quanto a Alemanha não os possuem. Ou seja, a Espanha contou, em seu processo de surgimento e consolidação enquanto estado-nação moderno, com certas particularidades que não se repetiriam em outros estados.

Núñez Seixas (1995) nota que tal fenômeno teria mais a ver com fracassos advindos de Madrid do que dos desejos e capacidades de tais grupos em se organizarem ativamente de maneira nacionalista. A Espanha, de acordo com o mesmo, ainda manteria os nacionalismos presentes em suas fronteiras, nacionalismos esses que durante o século XIX se identificariam mais como etnicidades do que movimentos nacionalistas, e que se fortaleceria devido a incapacidade de Madrid em oferecer uma versão nacional centralizadora; ou seja, o nacionalismo catalão e basco se daria mais pela incapacidade do mesmo em se posicionar frente a população de seu território como uma nação que representasse a todos.²⁷

Logo, há uma especificidade histórica em relação a Espanha e os outros países europeus. Especificidade essa que ajuda a compreender o porquê dos nacionalismos, especialmente basco e catalão até hoje serem elementos relevantes do ponto de vista político, social e cultural dentro do país. Tal especificidade ensejaria assim o surgimento de tais nacionalismos; entretanto, para uma compreensão mais detalhada da influência atual dos mesmos, devemos observar os processos históricos mais próximos, além de fazer uma análise da situação corrente.

A Europa Ocidental, após o fim da Segunda Guerra Mundial, adotou como sistema político de maneira geral, a democracia liberal. Entretanto, três nações chamariam a atenção por terem trilhados caminhos diferentes: Grécia, Portugal e Espanha. A primeira, após uma sangrenta guerra civil entre forças comunistas e anticomunistas, culminando com a derrota dos primeiros em 1949, tivera um período de relativa estabilidade até o golpe militar em 1967, e que instituiria uma ditadura militar que duraria por sete anos; Portugal e Espanha mantiveram governos de cunho nacionalista,

²⁷ Tal capacidade de impor elementos e símbolos nacionais em relação a toda a população dentro de território espanhol ainda tem reflexos recentes. A bandeira espanhola como a conhecemos só é instituída com a nova constituição de 1978, e o hino nacional até hoje encontra-se sem nenhuma letra, sendo apenas uma melodia. (NÚÑEZ SEIXAS, 1995).

conservadores e antidemocráticos desde antes do início da guerra, em 1939, e que durariam até o final dos 1970, período esse que ficaria conhecido pelos nomes dos dois ditadores que governaram ambos os países durante tais décadas: salazarismo e franquismo.

Na Espanha, o fim do franquismo começa a ocorrer com a morte de Franco em 1975, processo esse que culminaria com a promulgação de uma nova Constituição Nacional em 1978, inaugurando assim uma era democrática no país, colocando, efetivamente o país em linha com os projetos nacionais da Europa Ocidental. Tal Constituição reconhece a soberania da nação (no caso, do ideal nacional espanhol), ao mesmo tempo em que fala das nacionalidades presentes no território espanhol, reconhecendo, portanto, o caráter multicultural e multiétnico do país, por mais que, ao mesmo tempo que os nega qualquer possibilidade de controle e soberania sobre alguma parte do território espanhol (ROMÃO, 2013); tal atribuição se daria a partir de Madri.

Entretanto, apesar da afirmação constitucional de que a Espanha seria uma nação e não nações, na prática, devido ao processo de democratização e de integração europeia, a importância das comunidades autônomas dentro da Espanha passaria a ser reconhecida e fortalecida; comunidades essas que já eram reconhecidas na mesma constituição de 1978, representando, portanto, um avanço democrático e cultural para bascos, catalães e galegos, grupos cuja a identidade nacional era ativa e fortemente reprimida durante a ditadura franquista. Assim, se por um lado, a constituição espanhola reafirmava o seu caráter espanhol e centralizado, por outro, a mesma oferecia uma possibilidade ausente a quase meio século de expressão cultural e política de grupos identificados com outras identidades nacionais dentro do território espanhol. Assim, ao mesmo tempo em que negava a Espanha enquanto país de múltiplas nacionalidades, na prática, havia um fortalecimento dessas mesmas identidades nacionais não-espanholas dentro do país. A exemplo de tal dicotomia, Romão cita o exemplo dos idiomas:

Para bascos e catalães, a questão das competências relativas à educação, à língua e à cultura são particularmente relevantes, em função do papel que essas áreas desempenham enquanto elementos caracterizadores e definidores das respectivas identidades. O artigo 3º da Constituição espanhola, no 1º ponto, estabelece o castelhano como língua oficial do Estado. Porém, no 2º ponto, abre espaço para que o que denomina como "as outras línguas espanholas" também sejam oficiais em determinadas

comunidades autônomas, remetendo essa definição para os respectivos estatutos.²⁸ (*Constitución Española*, 1978).

Assim, ao mesmo tempo em que o caráter espanhol é reforçado, posto que o idioma oficial do país é reconhecidamente o castelhano e de tal maneira, afirma-se uma centralidade cultural e política espanhola através de uma língua oficial, por outro lado, a constituição permite que outros idiomas tenham um status oficial dentro de suas regiões autônomas, atribuindo, portanto, uma importância local para tais idiomas e reconhecendo a existência de tais grupos, ao mesmo tempo em que circunscreve os mesmos a tais localidades e afirma o caráter mais amplo e universal do castelhano em todo o território nacional. – E aqui cabe afirmar algo importante, diversos países não contam com um idioma oficial constitucionalmente definido, por exemplo, os Estados Unidos da América (alguns estados o fazem, entretanto), o Reino Unido, a Costa Rica, entre outros; enquanto outros países adotam de maneira oficial mais de um idioma, como o Canadá, o Iraque, a Suíça e a Bélgica. –

Logo, o estado espanhol, ao se ver frente, tanto a uma demanda histórica por poder e autonomia por parte das populações catalães e bascos em território espanhol, quanto a um processo de redemocratização, ao mesmo tempo em que reafirma o caráter predominante da nação espanhola enquanto representante do território espanhol, e, em última instância afirma que a Espanha é uma nação formada por espanhóis, concede uma autonomia administrativa, política e cultural para ambos os grupos, almejando uma diminuição ou um controle dos desejos independentistas de grupos bascos e catalães. Tal dicotomia entre as afirmações locais de autonomia nos territórios basco e catalão, contando tanto com o apoio ou a anuência do governo espanhol ou de maneira mais autônoma, e o processo centralizador e burocratizante perpetrado pelo estado espanhol sobre a figura do nacionalismo espanhol, representado por diversos elementos nacionais espanhóis, será, portanto, uma constante dentro da Espanha após o fim do franquismo.

O caso basco e o caso catalão têm ambos as suas particularidades, mas também contam com seus pontos de contato e semelhança em relação ao estado espanhol. Compreender tais diferenças e tais semelhanças é essencial para o entendimento das dinâmicas nacionalistas atuais dentro do território espanhol, posto que, em diversos casos

²⁸ ROMÃO, Felipe. A transformação dos mecanismos de materialização política das identidades nacionais: o Estado autônomo espanhol e a emergência das autonomias-nação basca e catalã. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 56, n. 2, 2013, p. 74.

ambos os nacionalismos se retroalimentam, devido a existência de um inimigo em comum, além da forma na qual o estado espanhol lida com ambos ser, em muitas instâncias, semelhantes.

Catalunha e País Basco: Duas Nações Dentro de um País

Tanto a Catalunha quanto o País Basco, conforme, fora citado anteriormente, possuem uma certa autonomia dentro da coroa espanhola. Ambas as regiões têm a possibilidade de ensinar seus idiomas nacionais, podem também ter eleições locais, com partidos expressamente identificados com causas nacionais, e também têm representantes eleitos para o parlamento espanhol. Além disso, tanto os catalães quanto os bascos contam com equipes de futebol, fortemente identificadas com os nacionalismos, disputando o campeonato nacional. E, para além disso, ambas sofreram forte repressão durante o franquismo, cujo projeto de consolidação nacional, focado no nacionalismo espanhol, acabaria por falhar, posto que, tanto durante o mesmo, quanto após, os desejos nacionalistas de ambas as regiões mantiveram-se e mantem-se como fatores políticos relevantes. A tentativa, portanto, de criar uma nação espanhola à revelia dos nacionalismos presentes dentro do território espanhol, causaria um recrudescimento de tais nacionalismos, e a organização de movimentos irredentistas.

A repressão organizada pelo governo do general Franco acabaria por unificar diversos grupos e indivíduos em torno de ideais nacionalistas, tanto na Catalunha quanto no País Basco, a ideia de uma resistência a uma ocupação acabaria por galvanizar os nacionalismos de ambas as regiões, cada qual a sua maneira, mas cuja a influência de um em relação ao outro seria um fator notável, mesmo que, no mínimo, tenha sido somente como forma de avaliar as possíveis reações do governo espanhol, e no máximo, servindo de inspiração um ao outro e aos movimentos políticos e sociais que surgem em torno de tais identidades nacionais e a repressão sofrida por ambos (NÚÑEZ SEIXAS, 1995).

Entretanto, há diferenças históricas que marcariam ambos os nacionalismos. A começar pela trajetória histórica econômica de ambos: enquanto a Catalunha sempre (e hoje em dia também o é) fora uma das províncias mais abastadas e desenvolvidas da Espanha, o País Basco mantém um histórico mais voltado para o campo; enquanto a Catalunha, devido a sua opulência e industrialização mais precoce, conseguia manter o estudo e o uso do catalão nas escolas de nível primário, instituir universidades públicas e manter uma elite cultural etnicamente identificada com a identidade catalã, todos esses

fatores não eram tão presentes no País Basco, uma vez que o idioma basco não se estabeleceria de maneira padronizada, posto que não contava como uma literatura pungente e grande parte da sua sobrevivência ocorre por via oral e não através de instituições de ensino. Inclusive, uma parte considerável das elites bascas se identificavam mais com Castela e o seu governo (MASTROVITO, 1993). Ou seja, marcadores ligados a uma identidade cultural catalã eram, ao longo do século XIX e XX, bem mais fortes do que no País Basco.

Logo, enquanto, ao mesmo tempo, a Catalunha e o País Basco tem tido conflitos e disputas de poder e influência com o governo madrileno, o que os colocaria em uma posição similar vis-à-vis o estado espanhol, por outro lado, as duas regiões tiveram construções distintas de seus nacionalismos, o que levaria a estratégias e percepções distintas pelos atores políticos locais. Se, ambos, portanto, estão unidos por circunstâncias políticas semelhantes, também estão separados por suas diferentes perspectivas e processos locais.

Uma diferença clara quanto a isso, deu-se em relação ao uso da força por grupos militantes de inspiração marxista, e com táticas de guerrilha e terroristas em prol da causa nacionalista das duas respectivas localizações. Enquanto no País Basco, o grupo ETA (Liberdade e Lar Basco, em tradução ao português), fundado em 1959 e dissolvido oficialmente no início de maio de 2018, após um cessar-fogo em 2010 e o seu desarmamento em 2017, fora responsável pela morte de 829 pessoas ao longo de quase 60 anos de conflito armado, incluindo, em tal número, cerca de 300 civis (HAMMER, 2007). Já na Catalunha, o equivalente, Terre Lliure, também de inspiração marxista, mas fundado após o fim do franquismo, em 1978, fora responsável por apenas uma morte, e se desmobilizou no ano de 1991 (CANCELA-KIEFER, 2018). Assim, pode-se afirmar que o processo de construção de um nacionalismo irredentista no País Basco, ao longo de quase sete décadas fora um processo bem mais violento, e bem mais traumático para a população local do que o mesmo fora na Catalunha. Tais cicatrizes e traumas históricos diferem entre ambas as regiões, o que ajuda a compreender as diferentes perspectivas que as populações de ambos os locais têm em relação a uma possível independência.

Assim, a situação de ambas as regiões em relação ao governo espanhol encontra-se em posições opostas. Após o processo de diminuição da presença do ETA no País Basco, com o seu cessar-fogo, posterior desarmamento, e por fim, sua dissolução, pode-se afirmar que a população basca, em sua maioria, prefere uma solução que lhe permita ter mais autonomia dentro da Espanha, além de uma solução que incorra em menos

violência. O fim do franquismo tem, constantemente, significado ganhos sociais e políticos para tal população dentro de um regime democrático, soma-se a isso, a entrada da Espanha na União Europeia, com suas políticas de apoio a minorias linguísticas, e apoio cultural, que tem, por exemplo, visto a ascensão da cidade basca Bilbao, com seus restaurantes com estrelas Michelin, em uma cidade europeia cosmopolita e com forte presença do turismo. Assim, apenas 25% dos cerca de 2,2 milhões que formam a população basca na Espanha admitem ter algum desejo separatista (CANCELA-KIEFER, 2018).

Já na Catalunha, o desejo separatista tem crescido de maneira constante. Aproximadamente metade dos 7,5 milhões de catalães na Espanha afirmam querer sua independência do governo central, o que culminou com o referendo independentista, incorrendo em uma violenta resposta das forças policiais espanholas, e uma tensa crise política na região, levando o líder do parlamento catalão a fugir do país e ser apreendido a pedido do governo espanhol na Alemanha (o mesmo seria posteriormente solto, pois o crime que os espanhóis o acusaram não existiria na Alemanha). A Catalunha, hoje em dia, é a região economicamente mais próspera do país, contando com o maior PIB per capita da Espanha; entretanto, entre os catalães é comum a impressão de que o governo espanhol não lhes daria controle suficiente sobre sua própria economia, e que a Catalunha seria obrigada a pagar mais do que deveria para a manutenção do estado espanhol. Tal percepção soma-se a um ressentimento pela autonomia fiscal basca, maior que a catalã, e que tem sido uma bandeira histórica catalã, e que, entretanto, não tem sido respondida positivamente pelo governo espanhol. Assim, de maneira geral, a população basca mantém uma postura pragmática em manter os ganhos e avanços atuais, sendo, portanto, a favor de uma manutenção do status quo; já os catalães sentem que o status quo não lhes seria lucrativo, e que uma possível declaração de independência lhes seria positiva.

1.3 O que é a Catalunha?

A Catalunha (Catalunya, em catalão) pode se referir a duas unidades políticas e simbólicas distintas, a depender da ocasião e do contexto. Em primeira instância, a Catalunha se refere a uma unidade autônoma parte do estado da Espanha. Catalunha

também pode se referir aos “Estados Catalães”, que inclui regiões nas quais o catalão é falado, e que é constituído, além da já citada região autônoma da Catalunha, por partes das regiões espanholas (por espanhola, leia-se que fazem parte do estado espanhol) presentes na Comunidade Valenciana, Aragão, ilhas Baleáricas e Múrcia; além de Roussillon na França; o estado de Andorra (onde o catalão é o idioma oficial) e a cidade de Algueiro, localizada na Sardenha, Itália. Assim, ao pensar na Catalunha, temos duas instituições políticas e simbólicas relevantes: uma que se encontra dentro da Espanha, definida claramente por uma região da mesma, e outra que estaria além de tal região, incluindo também territórios para além do estado espanhol, dentro de uma unidade cultural, linguística e, em diversos casos, nacionalista em comum.

Esse capítulo, portanto, se focará nas perspectivas independentistas do território autônomo da Catalunha frente ao estado espanhol, e nas manifestações nacionalistas presentes dentro do mesmo, que culminaram no plebiscito votado em 2018. Mais além, tal capítulo também destacará a história e a relevância do clube esportivo Barcelona no movimento separatista catalão. Logo, o foco se dará em tal região e nas relações da mesma frente ao governo baseado em Madri, tanto atual, quanto historicamente. Entretanto, torna-se necessário demarcar a existência de uma identidade catalã para fora da região autônoma da Catalunha, base de tal pesquisa. Há uma identidade catalã presente em outras regiões da Espanha, além de uma identidade catalã fora da mesma. Há também o uso do idioma catalão para além das fronteiras espanholas. Tais articulações transnacionais (e isso sem considerarmos a presença catalã em diáspora) são relevantes para compreendermos, historicamente, as movimentações políticas e sociais dentro da Região Autônoma da Catalunha. Portanto, a história do nacionalismo e dos movimentos irredentistas catalães dentro do estado espanhol, e a existência de populações com origem étnica ou mesmo linguística catalã demonstram a complexidade de tal tópico, além de refletir as dinâmicas históricas locais.

O território reconhecido como Catalunha, assim como em grande parte do continente europeu, tem sido, portanto, fruto das dinâmicas políticas históricas que duram milênios. Tal região tem em sua história a presença de gregos (durante o período helênico), romanos, visigodos, o Califado de Umayyad, o Império Franco, até o estabelecimento, no século X, do Condado de Barcelona. O segundo milênio foi marcado por um movimento pendular entre uma maior liberdade da região, do uso do idioma, e da capacidade de autogovernar-se por um lado, e pelo outro, um controle forte seja pela Coroa de Aragão, de Castilha, da Espanha, ou ainda pelo governo francês durante as

Guerras Napoleônicas. Já no final do século XIX, a região encontrava-se em processo de industrialização e de renascimento cultural, que incluía a expansão do uso do idioma local, movimentos literários e arquitetônicos relevantes e um nacionalismo catalão que começa a surgir. (SOBrequÉS, 2011). E é a partir desse momento que o trabalho terá seu foco para uma maior compreensão do que é Catalunha hoje em dia.

O século passado trouxe para a Catalunha uma dinâmica condensada, porém semelhante, aos séculos anteriores: momentos de um aumento na autonomia local e de um avanço do nacionalismo, além de um florescimento cultural catalão em oposição ao controle e repressão vindas do governo espanhol. Se durante a Segunda República Espanhola²⁹, o uso do idioma catalão foi oficializado, a região tinha autonomia, e não havia repressão sobre formas de expressão culturais relacionadas a identidade catalã, após o fim da mesma, e durante o governo do ditador Franco³⁰, a repressão estatal frente a região seria instituída. Considerando o franquismo uma força autoritária e centralizadora, a presença de uma identidade catalã, obviamente, não seria permitida, e a autonomia anterior seria fortemente combatida. Somando-se a isso, o papel extremamente corajoso da resistência na região, especialmente na cidade de Barcelona, fez com que o governo ditatorial de Madrid enxergasse nos catalães uma ameaça ao status quo político do franquismo e também a unidade nacional espanhola, e em diversas ocasiões, ambos os fatores – o franquismo e o nacionalismo espanhol – se retroalimentavam política e socialmente (MASTROVITO, 1995).

O fim do franquismo, em 1975, e a promulgação da Constituição Espanhola de 1978 iniciariam o processo de democratização da Espanha e de modernização institucional do país, além da integração espanhola (junto de seus vizinhos ibéricos, que também se redemocratizariam na mesma época) na dinâmica das relações internacionais da Europa Ocidental, ao finalmente se alinharem politicamente com o liberalismo político³¹, a democracia representativa, além de uma modernização econômica. Durante todo o franquismo, e após o mesmo, a região autônoma da Catalunha passaria a se tornar uma das regiões mais prósperas do país, com destaque para a sua industrialização, e pela indústria do turismo. Logo, durante o período de maior repressão política que a região

²⁹ A Segunda República Espanhola foi proclamada em 14 de abril de 1931 com a vitória do regime republicano.

³⁰ O franquismo teve início no ano de 1939 com a vitória dos militares na guerra civil espanhola.

³¹ O liberalismo é uma doutrina que prega a liberdade política e econômica. Dessa forma, o Estado não tem grande controle na economia e na vida das pessoas.

sofreu, também ocorre um fortalecimento econômico da mesma, ironicamente, um processo que levaria a um dos principais argumentos do separatismo atual: a de que a região da Catalunha contribui mais com o Estado Espanhol do que o que recebe em troca. Ou seja, o nacionalismo catalão não necessariamente depende de uma maior liberdade econômica ou política, mas pode ser percebido como uma constante local; a ideia de que os catalães e a Catalunha são distintos da Espanha, e distintos a ponto de ensejar, em parte da população, um desejo independentista.

Pensar, portanto, o que define a Catalunha, é uma necessidade ao buscarmos um entendimento sobre os movimentos independentistas catalães. Ou seja, faz-se necessário pensar que Catalunha é essa que os catalães querem ver, livre e independente do governo madrileno.

Em primeiro lugar, ao pensar na Catalunha (e aqui, refiro-me tanto como a região na Espanha, quanto a região que seria o lar ancestral dos catalães), precisa-se entender quem são os catalães que legariam a tal região geográfica um significado étnico. Se a Catalunha é o lar dos catalães, ela só o é pelo fato dos catalães a pensarem de tal maneira (e buscarem a convencer outros a pensar de maneira semelhante). Tal processo de identificação tem sido um tema relevante dentro das diversas ciências sociais e humanas. Dentro da antropologia, por exemplo, Fredrik Barth (1969) define etnicidade não como um conjunto de valores culturais em comuns que determinadas pessoas compartilham, e através dos mesmos se sentem parte de um grupo, mas sim, como um fenômeno social que ocorre através de dois vetores.

O primeiro diz respeito a diferenciação entre grupos, ou seja, faz-se parte de A justamente pela impossibilidade de, ao mesmo tempo, fazer parte de B. O segundo é ligado a autoafirmação, ou seja, faz-se parte do grupo A pelo indivíduo se enxergar como parte de tal grupo. Nota-se que mesmo sendo antropólogo, Barth (1969) não busca traçar uma lista de elementos culturais mínimos que tal grupo de pessoas deveria possuir caso busque se enxergar enquanto uma etnia, mas sim, sugere que as diferentes etnias surgiram a partir das fricções entre dois ou mais grupos, e não dos processos de construção cultural em comum que ocorreram internamente. Assim, diante dessa visão, pode-se afirmar que em termos teóricos, a identidade catalã se construiu em oposição a outras identidades étnicas; enquanto em termos práticos, ela foi construída em oposição a uma identidade espanhola ou castelhana.

Entretanto, a dinâmica de coesão interna de tais grupos necessita também de elementos em comum que constituam uma identidade catalã. Se a identidade étnica passa

necessariamente por uma diferenciação de um grupo A e um grupo B, precisa-se também que indivíduos se reconheçam enquanto membros de A ou de B, e para isso, passem a utilizar-se de elementos culturais supostamente em comum que mantêm entre si. Assim, os indivíduos, ao se identificarem etnicamente enquanto catalães, passaram a se utilizar de elementos marcadamente culturais para tal construção identitária. Logo, o idioma, a história, a literatura, a arquitetura, as cores, a bandeira e até a equipe esportiva do Barcelona serão instrumentalizados, ao longo de diversos anos, e ao longo de diversos processos de construção de tais elementos, como formas de afirmar uma unidade cultural catalã. O orgulho do idioma catalão em oposição ao castelhano; o orgulho da arquitetura catalã com algo único e decididamente não espanhol; o Barcelona representando a Catalunha nos gramados e se opondo ao, principal rival, Real Madrid.

O conceito útil para a compreensão do que é a Catalunha é a ideia de nacionalismo. Nem todas as fricções étnicas presentes dentro de um país dão ensejo a movimentos separatistas; e mesmo nos casos que isso ocorre, nem todos os indivíduos que se identificam como parte de tal identidade étnica, se veem como não fazendo parte do estado-nação ao qual estão inseridos. O nacionalismo, portanto, apesar da semelhança com a etnicidade ao se basear tanto na alteridade quanto na auto identificação dos indivíduos que a compõem, difere da mesma, tanto na escala do fenômeno (apesar das micronações e micronacionalismos) quanto na estruturação do mesmo, com a formação ou a busca da formação de entidades políticas através de um sentimento compartilhado que surge em um campo cultural. Assim, se a etnicidade se fundamenta nas diferenças próximas entre grupos distintos que estariam próximos uns dos outros, o nacionalismo se fundamenta na ideia de que existe uma comunidade internacional de diversas nações que representam povos e culturas distintas e que se expressam através dessas mesmas unidades políticas; a diferenciação não se dá em relação aos grupos mais próximos, mas a todos os grupos em si.

Os ideólogos do que a história das relações internacionais passaria a chamar de idealismo enquanto corrente teórica, tinham como um de seus princípios a ideia da autodeterminação dos povos, determinação que serviria para a estabilização e pacificação da comunidade internacional. De acordo com tal preceito, cada povo deveria ser representado por um estado-nação; e o desejo de estabelecer-se em uma unidade política própria era um direito a ser buscado e exercido por todos. Entretanto, em termos práticos, tal desejo não fora realizado. Diversos grupos étnicos não foram contemplados com o surgimento de estados-nação, como os escoceses, os próprios catalães, os bascos, os

galeses, até 1945, os islandeses, os curdos, os palestinos; isso sem contar o estabelecimento de diversos estados-nação na Ásia e na África que surgiriam privilegiando as antigas linhas de ocupação colonial mais do que as dinâmicas étnicas desenvolvidas ao longo da história entre os diversos povos que habitam tal região. Ou seja, os nacionalismos não necessariamente se alinharam em estados-nação como fora advogado após o fim da Primeira Guerra Mundial, estando os mesmos sujeitos as relações de poder locais. Assim, grupos étnicos distintos se encontram dentro do mesmo estado, e grupos étnicos que se viam como únicos, passaram a estar presentes em mais de um estado.

Na própria Espanha, há dois nacionalismos que não se coadunam com a expressão nacional espanhola: o catalão, tópico de tal trabalho, e o basco. Em um dos estudos mais significativos sobre o tema do nacionalismo, Benedict Anderson (2008) trata a nação como uma “comunidade imaginada”. Tal comunidade imaginada seria, portanto, a base do nacionalismo.

Costumeiramente relacionado ao conceito de etnicidade está o conceito de nacionalismo, especialmente formulado por Benedict Anderson (2008) e o conceito de “comunidades imaginadas”. O autor britânico define uma nação como formada por um número de indivíduos que jamais conseguirão se conhecer pessoalmente, e que, apesar disso, sentem-se parte de uma comunidade nacional; ou seja, existe um sentimento de pertencimento identitário a tal nação, o que constitui a mesma, ideologicamente. Tais comunidades imaginadas surgiram, portanto, durante a modernidade, e cada qual com sua particularidade histórica, moldaram os estados-nação atuais (GELLNER, 1983). Os elementos necessários para a construção de uma nação, dentre os quais, Anderson sugere a capacidade de gerir tal território, a estandarização de um idioma pátrio, especialmente através da palavra impressa (livros, jornais, e todos os tipos de publicação, e mais tarde, o uso do rádio), e a utilização desse mesmo idioma tanto pela população comum, quanto pela elite dominante, ou ainda, pelo clero. No caso catalão, especificamente, há uma constante tentativa de forçar uma espanholização em diversos momentos históricos. A proibição do ensino e do uso do idioma catalão e o controle político do estado espanhol sobre o Território Autônomo da Catalunha são exemplos claros de como o nacionalismo catalão é combatido nas bases que ajudam a compreender o nacionalismo enquanto fenômeno social.

Assim, a Catalunha, enquanto, uma instituição social é algo complexo de se definir. Considerando que o “ser catalão” se define de maneiras distintas, e muitas vezes

em conjunção a outras etnicidades, o “ser catalão” também está presente em localidades sobre controle político de estados distintos, e portanto, sujeita a diversas formas de relação com tais entidades, o que influencia os desejos (caso hajam) independentistas, nacionalistas, o de afirmação étnica e cultural de tais pessoas. O nacionalismo, enquanto fenômeno social, com sua comunidade imaginada, com seus elementos identitários compartilhados por uma população, entretanto, pode ser encontrados em toda essa região; e mais especificamente, no caso de tal trabalho, no Território Autônomo da Catalunha, atualmente parte do estado espanhol. Não necessariamente um nacionalismo se revela no desejo majoritário de parte da população em criar um estado-nação novo.

A história catalã na Espanha é um bom exemplo disso, com momentos no qual movimentos independentistas se veem enfraquecidos, e outros em que ele se torna uma força social relevante, como após o plebiscito de 2018. Portanto, as diferenças étnicas entre os catalães e seus vizinhos, junto com o avanço da modernidade e a constituição de um nacionalismo catalão explicam o que é a Catalunha. Apesar das narrativas sobre a identidade catalã tratarem de populações que ocupam tal região há mais de 3 mil anos, a percepção do que é ser catalão enquanto sujeito integrado em um mundo no qual há diferentes etnicidades e, posteriormente, diferentes nacionalismos, ocorre aproximadamente durante o século XIX. Tal percepção é o que faz a Catalunha ser a Catalunha, e é uma representação social relevante para a compreensão dos processos políticos tanto históricos quanto atuais da região.

II – Antecedentes da Catalunha livre

2.1 Precedentes do independentismo

Conflitos entre identidade catalã e identidade castelhana

Recentemente vemos o estado nacional espanhol envolvido em uma série de disputas dentro do território conhecido como Catalunha devido ao movimento irredentista local, que busca a independência em relação ao domínio madrilenho e a criação de um estado-nação próprio. Contendo identidades cultural e linguística próprias, que apesar de não serem condições para o surgimento de identidades étnicas ou nacionais distintas, servem como forma de manter uma coesão narrativa para os grupos que almejam a independência da Espanha, a Catalunha, em diversos momentos de sua história, entrou em conflito direto com o governo espanhol devido a posicionamentos repressivos em relação a elementos culturais e políticos catalães.

Tais eventos, apesar de terem gerado traumas e terem cobrado o seu peso na vida de diversos indivíduos atingidos pelos mesmos, também foram importantes no fortalecimento de uma narrativa identitária catalã. Assim, em tal parte, alguns desses momentos serão analisados e explicados dentro de um ponto de vista histórico, ajudando, portanto, a compreender a relação contemporânea e as causas do conflito atual entre a região da Catalunha e o governo espanhol, que culminou com o referendo de teor independentista de 2018 e a forte repressão do governo espanhol para com a realização do mesmo.

Expressão cultural catalã e a repressão espanhola

Para além de uma unidade geográfica, linguística, política ou cultural, o movimento de independência catalão se sustenta em duas premissas bastante simples. A primeira é a que se trata de indivíduos que se reconhecem como fazendo parte de um grupo em comum; ou seja, são indivíduos em que mais importante do que os elementos que possam compartilhar, compartilham um sentimento de pertencimento a uma comunidade, uma nação, ou ainda, um povo. A segunda é a ideia de que tais indivíduos,

derivado inclusive da primeira condição, não fariam parte de outro grupo ou grupos (ALLAND, 2006).

Assim, a identidade catalã, enquanto etnicidade, de maneira social, funda-se em um reconhecimento tácito dos membros da mesma de que eles formam um grupo social distinto de seus vizinhos, ao mesmo tempo em que ocorre um reconhecimento também de que eles não fazem parte de algum outro grupo social, o que no caso catalão ocorre em oposição a uma identidade espanhola. Logo, os conflitos que ocorrem na Catalunha, surgem devido a um desejo de autoafirmação política e cultural e a negação de tais desejos por parte do governo madrileno ao longo da história. Dessa forma, um conflito entre essas duas identidades étnicas acabou se expandindo politicamente e marcando ambos ao longo da história.

O surgimento de uma identidade étnica catalã articulada como um nacionalismo catalão e um irredentismo frente ao domínio da Coroa Espanhola pode ser associado como o surgimento, ao redor de toda a Europa (e também no continente americano), do movimento que seria chamado de “Romantismo”. O Romantismo fora, para além de uma estética que influenciou todas as formas de expressão artística ocidental, uma perspectiva filosófica que teve forte influência na política e no desenvolvimento dos diversos nacionalismos no continente europeu como uma questão identitária capaz de mobilizar os sujeitos presentes dentro dos diversos territórios a pensarem e verem a si mesmos como unidades coesas (ALLAND, 2006).

O Romantismo, enquanto tradição artística, passou a valorizar a produção cultural e simbólica próxima a realidade dos autores; mais ainda, com o Romantismo se reforçou a ideia de cada povo tinha a sua cultura, e assim, o artista, por estar inserido nessa mesma cultura, criava obras de artes que evocavam elementos comuns a tais populações. Assim, enquanto o Romantismo teve a sua produção artística focada em elementos individuais e com um foco em questões emocionais e sensoriais em parte considerável da sua produção, também houve uma tradição romântica que se baseou num retorno à tempos e épocas mais simples e mais puros; tempos anteriores a Revolução Industrial, por exemplo. Tempos esses que foram refletidos nas tradições étnicas e históricas populares, além de um recuperação de diversos elementos folclóricos.

O Romantismo foi um movimento que surgiu em um período no qual grande parte das monarquias europeias estavam sendo desafiadas por atores políticos que ou surgiam ou se consolidavam com maior força. O resultado histórico de tais disputas foram consequências distintas a depender do país. Se, por um lado, na França, o pescoço do Rei

Luís XVI e de sua esposa foram cortados, nos países escandinavos, a monarquia absolutista seguiu o rumo tomado pelo Reino Unido há um século antes e abriu mão de todo e qualquer tipo de poder decisório.

A sustentação política e simbólica do poder real não passava por qualquer tipo de consentimento de seus súditos, ou ainda, de qualquer poder decisório na escolha de seus representantes políticos. Os reis e rainhas europeus governavam seus territórios através de uma sustentação moral baseada em uma crença divina; e em termos políticos, o faziam devido a sustentação advinda da nobreza que governava os feudos dos diversos reinos. Entretanto, com o fim do absolutismo, uma forma de sustentação política e uma nova classe de sujeitos veio a assumir o protagonismo na consolidação do poder. Tal classe era a burguesia que em toda a Europa começou a controlar política e economicamente os estados que abandonaram a monarquia absolutista. Em termos morais, há uma modificação na percepção em relação a origem do poder. Se na monarquia, o poder real era uma dádiva divina, na era da Modernidade e do Romantismo, o poder vinha do povo e, portanto, devia se basear na construção do mesmo enquanto entidade dotada de poder e influência política.

Tal colocação ajudou a levar, portanto, a construção simbólica do que viria a ser um povo. Esse processo que foi analisado por Benedict Anderson (1988) não será abordado nesta parte do trabalho. Basta-se que saibamos que foi nesse período que foi consolidada a ideia do que seria uma nação; e que é nesse período que passamos a ter na Europa os estados assumindo o papel (grande parte das fronteiras já existiam de forma relativamente próximas as que temos hoje) que assumem até hoje, que é o de serem representantes políticos de um povo, de uma cultura, de uma etnia, ou seja, representantes de um grupo de pessoas que tem algo em comum; e que, mais importante do que isso, se enxergam como pertencendo a uma população com características comum, o que passamos a chamar de estado-nação.

Obviamente que o processo de surgimento dos estados-nação não contemplou todas as identidades étnicas existentes na Europa; enquanto algumas identidades não contempladas se desenvolveram independente de ambições nacionalistas, estando inseridas em regionalismos, outras acabaram por fazer parte de estados com um poder do uso da violência maior, e assim, se viram forçadas a integrarem-se em estados com as quais elas não se reconheciam. Um dos casos mais marcantes é o da Catalunha. Forçada a fazer parte do estado espanhol, o território catalão sempre manteve desejos

independentistas. Veremos agora alguns momentos dessa disputa entre o governo de Madri e a busca por independência política na Catalunha.

Romantismo Catalão e a ideia de Catalunha

Durante o século XIX, a região da Catalunha viveu um período que ficou conhecido como *Renaixença* – em português, *renascência* – e que foi um movimento romântico que valorizava o folclore, a cultura e o idioma catalão. Diversos escritores, artistas e pintores passaram a utilizar temas que eles relacionavam com a identidade catalã para produzir seus trabalhos artísticos. Escritores como Víctor Català, Antoni Puig i Blanch, Jacint Verdarguer, Manuel Milà i Fontanals e o poeta Bonaventura Carles Aribau, cujo poema, “Ode a Pátria” se tornou reconhecido com o marco inicial de tal movimento estético, e entre outros escritores, tradutores, editores, pintores e músicos (BALCELS, 1996).

Dentro de tal contexto é que vemos o desenvolvimento do orgulho catalão enquanto um movimento político de emancipação política. O Romantismo Catalão, a *Renaixença*, ajudou a construir e a recuperar um histórico cultural comum a tal região. Tal movimento estético, portanto, fundou uma narrativa nacional que uniu a Catalunha através de elementos simbólicos. A *Renaixença*, junto com o Nacionalismo Catalão e a ideia de emancipação política da Catalunha agiam como uma via de mão-dupla, uma sustentando o surgimento da outra (KEATING, 2001).

A última década do século XIX viu, por exemplo, a publicação de um documento de base nacionalista chamado de Bases de Manresa em 1892 pelo político republicano Valentí Almirall i Llozer, que foi uma das tentativas mais claras e organizadas de uma ideologia política focada na identidade catalã, na preservação e reconhecimento do idioma catalão e que buscava a possibilidade de autogoverno da região da Catalunha, além de manter uma perspectiva republicana, em oposição ao regime monárquico espanhol. Llozer, assim como outros membros da chamada *Renaixença*, publicou diversos artigos, textos, livros e ensaios com forte teor histórico como forma de basear a narrativa nacionalista catalã.

O passado, do ponto de vista historiográfico do movimento, servia como uma fundação moral para os eventos do presente. A tese que permeava todas essas publicações da época era uma tese que deveria comprovar em termos, tanto objetivos quanto morais, a existência de um povo catalão, e que, portanto, devido a tal existência, tal povo deveria

ter o direito de estabelecer-se em uma unidade política própria e individual; ou seja, através de um estado-nação.

A princípio, o movimento independentista catalão foi um movimento sem muita base popular, e ainda, sem o apoio de grande parte da burguesia local. Valentí Llozer, assim como muitos de seus correligionários, concentrava-se somente em um setor da inteligência local; ou seja, eram uma elite com acesso ao capital cultural local, porém, sem uma penetração para além do ambiente acadêmico e artístico. Entretanto, a situação mudou com o ocaso do império espanhol em além-mar. Ambas as colônias que ainda restavam na América Latina – Cuba e Porto Rico –, além das Filipinas na Ásia, se tornaram independentes da Coroa Espanhola, em um processo de conflito com o principal ator político do novo continente: os Estados Unidos da América.

Logo, a Guerra Hispano-Americana e a independência das Filipinas passaram a simbolizar esse ocaso político internacional da Coroa Espanhola, além de representar o fim do acesso privilegiado à três mercados exportadores interessantes para o capital catalão. Dessa forma, a derrota espanhola no continente americano significou ao mesmo tempo uma imagem mais fragilizada do império espanhol interna e externamente, além de significar a perda de dois de seus mercados exportadores mais relevantes. Tal contexto acabou levando, portanto, a uma popularização do catalanismo enquanto um movimento político irredentista, o que significou, já no primeiro ano do século XX, a criação de um partido político com ambições explicitamente nacionalistas. Apenas seis anos mais tarde, diversos partidos catalães reunidos em uma frente única chamada Solidaritat Catalana ganhou as eleições locais. Assim, menos de dez anos após a derrota espanhola e a perda de suas colônias, a Catalunha, a região do país mais abastada e mais industrializada – fato que se mantém até os dias de hoje – elegeu um programa político com ambições nacionais (GABRIEL, 2000).

Por trás do avanço na causa nacionalista na Catalunha, que em aproximadamente uma década saiu de um projeto político de uma elite intelectual abastada para uma força política capaz de coordenar-se e ganhar uma eleição, há uma mudança de perspectiva da burguesia catalã. Dentro do estado espanhol, a Catalunha era a região na qual a burguesia era mais forte. Em um estado majoritariamente rural, a Catalunha concentrava grandes partes das indústrias nacionais da Espanha. A burguesia catalã tinha planos de assumir o protagonismo econômico do país, e por isso, a priori, o envolvimento de parte considerável dessa classe em um movimento independentista foi fraco (CONVERSI, 1997). Assim, dentro da perspectiva de muitos dentro da burguesia, a disputa econômica

e política sobre a influência e o papel de liderança dentro do estado espanhol fortaleceria a ideia de que a Catalunha não deveria, afinal, ser parte da Espanha, posto que, os catalães eram um povo distinto e que, portanto, deveriam ter o direito de se autogovernar.

Posto isso, o processo de diferenciação étnica catalão, apesar de ter um substrato narrativo cultural e histórico bastante claro, e que se desenvolve em uma perspectiva intelectual desde o século XIX, tem também um fator econômico bastante claro. A emergência do catalanismo enquanto um movimento político relevante e capaz de moldar a política local e do estado espanhol só passou a ocorrer com o apoio de parte da burguesia. E mesmo assim, nem toda a burguesia catalã abarcou tal proposta separatista. Se o FC Barcelona se tornou um símbolo do nacionalismo catalão, outra equipe surgida na capital representava o oposto. O Espanyol foi fundado e simbolizava o desejo dentro da Catalunha de permanência dentro do estado espanhol.

Logo, o nacionalismo catalão e a identidade catalã não significam necessariamente a mesma coisa. Há um movimento extremamente forte na Catalunha para a emancipação nacional, mas não há como equalizar “ser catalão” com “o desejo ter um estado catalão”. A identidade catalã não é a única identidade étnica dentro da Europa que não tem uma representação. Em algumas há um forte desejo independentista, como na Escócia, ou no País Basco, mas há outras que tal desejo não se manifesta, como entre os galeses ou entre os galegos. A situação na Catalunha tem um forte componente histórico que será analisado brevemente através de algumas situações de opressão da coroa espanhola frente ao povo catalão e que colaboraria para aumentar um desejo de autogoverno.

A ideia de Catalunha e o estado espanhol: conflitos

Com o fortalecimento do nacionalismo catalão com uma plataforma independentista, a coroa espanhola iniciou uma série de reações de maneira a tentar controlar o seu território e não perder a província mais rica de seu estado. Soma-se a isso, um forte movimento independentista no País Basco, e teremos grande parte da política espanhola no século XX sendo marcada por conflitos de cunho nacionalista, e a violenta repressão aos mesmos. Assim, cada vez que o catalanismo se fortalece, Madri busca uma maneira de arrefecer os ímpetus nacionalistas de tal região; para além de tal postura reativa, muitas vezes, a coroa espanhola adotaria políticas ativas para a manutenção do controle da população catalã.

Já antes da Guerra Civil Espanhola, e a futura ascensão do fascismo via figura do ditador Franco, ainda durante o governo de outro ditador, no caso, Miguel Primo de Rivera, o movimento nacionalista catalão caiu em outra manobra política recorrente em relação ao governo espanhol, a de buscar ter uma certa autonomia e independência política em negociações com o governo central de Madri e ter esses desejos de relativa soberania serem frustrados, levando os movimentos políticos que se baseavam no nacionalismo catalão a se fortalecerem. Tal movimento dissolveu a limitada autonomia que a região da Catalunha tinha no ano de 1925, levando ao surgimento de diversos grupos políticos nacionalistas, especialmente de esquerda, e que conseguiram ascender ao poder, ao serem eleitos, após seis anos ditatoriais, em 1931, com o fim da ditadura de Rivera e o nascimento da Segunda República Espanhola (PAYNE, 1997).

A frente de esquerda eleita em 1931 foi eleita com uma plataforma advogando o surgimento de uma República Catalã federada a República Espanhola. Entretanto, devido a pressão do novo governo republicano espanhol, o líder político catalão aceitou que a Catalunha virasse um governo autônomo dentro da Espanha. Tal arranjo político não durou por muito tempo, entretanto. Já no ano de 1934, no mês de outubro, quando um governo independente foi declarado em resposta a política madrilenha, que passou a incluir políticos conservadores em seu governo.

O curto período entre o fim de 1934 e o ano de 1936, que marcou o início da Guerra Civil Espanhola foi um período no qual a Catalunha pode gozar de uma certa liberdade política e cultural. Tal período de calmaria, conforme fora dito anteriormente, seria extremamente curto, e seria interrompido por um dos eventos mais marcantes e violentos da história da Espanha. Durante a Guerra Civil Espanhola, o governo catalão autônomo se manteve leal ao regime republicano que foi derrotado pelas forças leais ao ditador Franco e que contou com um forte apoio de tropas do governo nazista alemão, servindo, inclusive como laboratório para táticas e tecnologias de guerra que foram utilizadas durante a Segunda Guerra Mundial.

Para além de ser um conflito que polarizou a política em toda a Espanha, colocando a esquerda e a direita em um conflito armado direto, e ainda, mobilizando uma rede internacional de militantes de esquerda, tanto de ideologia comunista quanto de ideologia anarquista, a Guerra Civil Espanhola, e a vitória final do representante do fascismo espanhol significou uma forte repressão a região da Catalunha, que desde o início se consolidou como um dos principais focos de resistência ao regime militarista do General Franco. Barcelona seria uma das principais cidades a resistir, por exemplo, aos

ataques das tropas leais ao General Franco. No final do conflito, e quando a derrota era apenas uma questão de tempo, o líder da revolta catalã, Lluís Companys declarou a independência. Tal declaração, entretanto, não seria posta em prática, devido a derrota dos simpatizantes republicanos, ficando, portanto, somente no campo da retórica.

Lluís Companys fugiu da Espanha (assim como muitos outros combatentes republicanos) e buscou refúgio na França. Entretanto, devido a capitulação francesa frente a invasão alemã ainda no início da guerra em 1940, diversos exilados foram entregues ao governo franquista, incluindo Companys, que foi torturado e executado pelo regime franquista no dia quinze de outubro de 1940. O destino de Lluís Companys foi uma triste metáfora para os desejos de liberdade e expressão política e cultural catalães. Com a consolidação do regime franquista, que durou até 1975, a região da Catalunha foi mantida sobre forte controle do regime madrilenho, que coibia qualquer tentativa de expressão nacionalista que fugisse do que fosse visto como saindo do padrão espanhol que representava a Coroa.

Assim, a Catalunha (e o País Basco) passaram a ter suas expressões culturais locais proibidas. A dissidência em si já era punida no resto do país, posto que, a Espanha viveu uma ditadura até os anos 1970. Entretanto, a Catalunha sofreu também pelo seu desejo independentista, por ter sido uma das principais bases do derrotado governo republicano, e devido a forte penetração de ideologias anarquistas, socialistas e comunistas dentro de seu território. Soma-se a isso, a já citada força econômica da região, e temos assim uma receita bastante sólida para uma política reacionária e extremamente violenta em relação a região.

Conforme já fora citado anteriormente, uma das principais formas de controle sobre a Catalunha deu-se em relação ao uso do idioma, que foi proibido, incluindo também o uso de nomes próprios de origem catalã nas crianças que nasceram no país. O FC Barcelona passou a atuar em uma arena pública no qual o nacionalismo resistia, tanto através do uso do idioma no estádio, quanto através da rivalidade nascente com o time que seria apoiado pelo regime franquista: o Real Madrid. Sendo obrigados a retirar as referências a bandeira catalã de seu escudo, e a mudar o nome da equipe de uma nomenclatura em catalão para um nome em espanhol, o Barcelona em si se tornou um grande símbolo de resistência cultural catalã (WOOLARD, 1999). Os resultados esportivos passaram a ficar, muitas vezes, em segundo plano em oposição a mera existência da equipe do Barcelona enquanto instrumento capaz de catalisar e simbolizar

a identidade catalã, além de articular a resistência cultural frente a opressão do governo madrileno (PAYNE, 1999).

Com o fim do regime franquista, após a morte do General Franco em 1975, e a promulgação de uma nova constituição espanhola em 1978, a Catalunha recuperou parte de sua autonomia política, e as proibições impostas pelo governo espanhol em relação a cultura, idiomas e formas de sociabilização identificadas com a identidade catalã foram retiradas. Assim, em um ambiente democrático, os desejos independentistas passaram a ser apenas mais uma forma de expressão política presente na Catalunha. Identidades políticas de esquerda, de centro e de direita se articularam com diversos níveis de nacionalismo catalão, e mais ainda, com diversas percepções sobre qual deveria ser o futuro político da Catalunha, variando desde a independência completa da Espanha, até um futuro mais próximo e mais articulado com Madri; ainda havia (e há) parte da população na qual a narrativa nacionalista não era tão influente no posicionamento político e na escolha partidária. Assim, a Catalunha após o fim do governo franquista se encontrava em termos políticos cingida em diferentes facções políticas, ideológicas e nacionalistas.

Entretanto, a primeira década do século XXI trouxe o renascimento de um desejo independentista dentro da Catalunha junto com uma maior capacidade de mobilização dos grupos e partidos pró-independência. Em 2006, um referendo sobre a ampliação da autoridade do governo Catalão obteve resultados percentuais bastante expressivos considerando o número de eleitores, com uma aprovação de 73,24%; entretanto, o número de eleitores foi bastante baixo, um contraste em relação a participação eleitoral na região, com apenas 48,84% de eleitores comparecendo as urnas. A baixa presença de eleitores engajados foi interpretada de duas maneiras antagônicas. A primeira afirmava que os habitantes de Catalunha já estavam distantes das disputas e narrativas nacionalistas; a segunda é que o plebiscito era pouco, e que somente uma independência de fato seria suficiente para engajar a população local. Os partidos e representantes de um nacionalismo catalão apostaram na segunda escolha e se articularam cada vez mais visando o objetivo final de um plebiscito em prol da independência da região da Catalunha.

Em 2012, ocorreu na Catalunha uma manifestação no centro de Barcelona que levou entre 600 mil (números do governo espanhol) e 2 milhões de pessoas (número dos organizadores) e que veio a clamar pela independência da Catalunha em relação a

Espanha.³² Exatamente um ano depois, em 2013, outra manifestação, dessa vez, uma corrente humana com mais de 1 milhão de pessoas seria organizada. A ideia de um plebiscito em relação a independência catalã tornava-se cada vez mais factível para grandes setores da população local. E em 2016, o então presidente da Catalunha, Puigdemont anunciou que no ano seguinte, um plebiscito sobre a independência da Catalunha iria ser organizado, e assim ocorreu.

O plebiscito de 2017 ocorreu, mesmo em meio a um clima de bastante insegurança, tanto jurídica, em relação aos resultados, quanto em relação a repressão das forças estatais. De acordo com os organizadores, 90% dos eleitores apoiaram a independência catalã³³ em forma de uma república, enquanto 10% se posicionaram contra, em uma votação que contou com 43% de presença nas urnas. A resposta espanhola foi de violência durante e após as eleições, com diversos políticos importantes sendo presos, a Suprema Corte Espanhola declarando a eleição como nula e o parlamento catalão sendo dissolvido e novas eleições sendo convocadas. Ou seja, por séculos o projeto de nacionalismo catalão tem sido moldado em oposição a um projeto majoritário e hegemônico espanhol. As ações recentes tem muito em comum com ações do passado; e o conflito entre ambas as identidades e os projetos de nação, se ajudou a marcar o passado da população catalã, também tem tudo para marcar o futuro.

2.2 A influência do esporte na política e nas relações internacionais

O esporte é um importante fenômeno social. Em cem anos passou da prática e da organização rudimentar à acentuada profissionalização, que o retirou de sua origem amadora fazendo com que pudesse ter grande representatividade na sociedade³⁴. A interação entre esporte e política seguiu o mesmo caminho da profissionalização, tendo da mesma forma se acentuado ao longo dos últimos cem anos. Os campeonatos mundiais

³² Disponível em: <<http://www.rtve.es/noticias/20120911/miles-personas-colapsan-centro-barcelona-marcha-independentista/562679.shtml>>. Acesso em: 23/06/2019.

³³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/10/1923416-com-90-dos-votos-independencia-vence-plebiscito-na-catalunha.shtml>>. Acesso em: 23/06/2019.

³⁴ Segundo Vasconcellos (2008), em 2000, o número de empregos ligados ao esporte, como medicina esportiva, hotelaria construção civil, imprensa e publicidade, estava em mais de 700 mil na Alemanha e em mais de 300 mil no Reino Unido e na França. Dessa forma, os empregos relacionados ao esporte representam parcela significativa da população economicamente ativa de inúmeras nações europeias.

e as Olimpíadas são os maiores exemplos de tal mudança.³⁵ Tais eventos movimentam uma gigantesca estrutura internacional, geram muitos empregos, têm investimentos milionários e também uma grande publicidade do país e da cidade-sede.³⁶

O esporte também é utilizado como um instrumento de propaganda política, comercial e turística dos países, pelo seu prestígio, pela sua imagem e pelo orgulho nacional em ver seus atletas conquistarem vitórias. Segundo Arnoud e Riordan (1998), a ascensão do esporte moderno nos seus moldes competitivos e institucionalizados, como a criação de federações nacionais e internacionais e a organização de competições entre times, permite a visualização do esporte sendo empregado com finalidades políticas.³⁷ Assim sendo, resultados de grandes eventos esportivos podem fortalecer ou enfraquecer a imagem de uma região, como foram as Olimpíadas de 1992 para a cidade de Barcelona, na qual a cidade mudou de patamar e passou a ser uma das cidades mais importantes e visitadas da Europa. Como afirmado pelo ex-presidente estadunidense Gerald Ford, um sucesso esportivo pode servir um país, tal como uma vitória militar.

Investir no campo esportivo e obter resultados significativos seria uma forma de mostrar para o mundo o poder que a região possui. Os exemplos da íntima relação entre esporte e política são inúmeros ao longo da história. Em 1934, Benito Mussolini aproveitou a Copa do Mundo na Itália para promover uma propaganda imperialista do fascismo, assim como Adolf Hitler, dois anos depois, nas Olimpíadas de 1936, disputadas na Alemanha, que utilizou do esporte para demonstrar o que chamava de superioridade da raça ariana e do regime nazista³⁸; em 1968, em um dos pódios mais emblemáticos da

³⁵ A primeira edição de uma Copa do Mundo de Futebol foi no ano de 1930 no Uruguai e o próprio país sede se sagrou campeão. Nessa primeira edição somente treze países participaram e várias seleções europeias desistiram da competição por causa da longa e cansativa viagem. A evolução do esporte foi tamanha que, em 2016 no Brasil, os últimos Jogos Olímpicos disputados tiveram a participação de 205 países e 11.400 atletas. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Olimpiada/noticia/2016/08/os-jogos-olimpicos-do-rio-de-janeiro-em-numeros.html>>. Acesso em: 30/10/2019.

³⁶ No ano de 1992, a cidade de Barcelona na Catalunha sediou os Jogos Olímpicos. Houve um investimento de US\$ 10 bilhões em instalações esportivas e obras de infraestrutura urbana e viária. Com os jogos ocorreram diversas mudanças na cidade, como a ampliação do aeroporto, a construção de estradas e moradias, o tratamento de resíduos e investimentos em telecomunicações, que mudaram a cidade de patamar e a levaram a ser um dos principais pontos turísticos do mundo. A vila olímpica depois de servir os atletas, virou um bairro residencial dos mais badalados da cidade. Porém, o maior legado olímpico do Barcelona foi intangível. Inúmeras pessoas conheceram a cidade e o desejo independentista catalão por causa do sucesso dos jogos, que serviram de projeção mundial. As Olimpíadas resgataram a autoestima do catalão e mudaram o patamar de Barcelona e da Catalunha. (Vasconcellos, 2008)

³⁷ ARNOUD e RIORDAN, *Sport and International Politics...* p. 4.

³⁸ Os Jogos Olímpicos de 1936 foram um poderoso instrumento de propaganda do Nazismo. Como cita Vasconcellos (2008): “Frustrados por sua exclusão dos jogos de 1920 e 1924 e tendo saído da Liga das

história das Olimpíadas, os estadunidenses, Tommie Smith e John Carlos, fizeram um protesto ao subir ao pódio para receberem as medalhas: de meias e luvas pretas, ambos olharam para baixo e ergueram o punho em saudação aos Panteras Negras, organização política dos Estados Unidos, que tinha o objetivo de organizar a população negra para combater a violência policial nos bairros negros. Posteriormente, grandes jogadores de futebol, como o português Eusébio e os brasileiros Sócrates e Reinaldo, comemoravam seus gols repetindo o gesto; em plena Guerra Fria³⁹, ocorreu o boicote dos Estados Unidos aos Jogos Olímpicos de 1980, disputados na União Soviética, com a União Soviética dando o troco quatro anos depois, nas Olimpíadas de 1984, disputadas nos Estados Unidos⁴⁰; Quando Estados Unidos e Irã se enfrentaram na Copa do Mundo de 1998, o receio de hostilidade foi substituído pela afável surpresa de troca de flores e uma foto conjunta das duas equipes antes da partida; nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2010, Coreia do Sul e Coreia do Norte jogaram na China, pois não era permitido que a bandeira sul-coreana fosse hasteada em território norte-coreano; e nos Jogos Olímpicos do Brasil, em 2016, o judoca egípcio Islam El-Shehaby se negou a cumprimentar o israelense Or Sasson após ser derrotado na luta.⁴¹

O Brasil, ao longo de sua história, também aproveitou do prestígio do esporte, por exemplo, quando sediou a Copa do Mundo de Futebol em 1950. O governo Dutra incentivou a prática esportiva e a construção do Maracanã, o maior estádio do mundo na época. Moura complementa:

O campeonato mundial não se restringiria apenas a um confronto entre as melhores seleções do mundo. Seria como nas grandes exposições internacionais do início do século XX, quando os pavilhões dos países apresentavam as últimas novidades e os progressos científicos, um

Nações, a Alemanha e o novo governo de Hitler escolheram usar o festival olímpico como palco para ostentar ao mundo a força e o vigor da nova ordem”.

³⁹ Guerra fria foi o nome dado ao período de disputas estratégicas, políticas e ideológicas entre o capitalismo dos Estados Unidos e o socialismo da União Soviética. Tal guerra leva esse nome, pois nunca ocorreu um conflito direto entre os países. A Guerra Fria teve seu início logo após o fim da Segunda Guerra Mundial e seu fim com a extinção da União Soviética em 1991.

⁴⁰ De acordo com Vasconcellos (2008): “O uso do evento olímpico como instrumento de política internacional concluía seu roteiro de dois capítulos, com os boicotes esportivos e políticos, recíprocos entre soviéticos e norte-americanos”.

⁴¹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/sport/olympics/37090339>>. Acesso em: 30/10/2019.

evento sem precedentes no Brasil, poderíamos mostrar ao mundo quem éramos e o que deviam esperar de nós.⁴²

Na época da ditadura militar o esporte também foi utilizado como um meio de alcançar mais notoriedade internacional. Na Copa do Mundo de 1970, disputada no México, o então presidente Médici utilizava a retórica de que apoiar a seleção brasileira, era apoiar o seu governo. Lemas como "Para Frente Brasil", "Ninguém segura este país" e "Brasil: ame-o ou deixe-o" são evidências deste tipo de nacionalismo.⁴³

Durante o governo de Luiz Inácio da Silva, mais uma vez o esporte esteve presente na política externa do país, em uma missão de paz da ONU, comandada pelo Brasil, no Haiti em 2004, foi realizado um amistoso entre a seleção brasileira de futebol e a seleção do Haiti. Tal partida ficou conhecida como o “Jogo da Paz”. O esporte foi um instrumento de aproximação entre Brasil e Haiti e os atletas brasileiros desfilaram pelas ruas de Porto Príncipe, capital do Haiti, para o delírio da população local. Além disso, tal amistoso foi uma tentativa brasileira de legitimar a busca por um lugar de destaque no Conselho de Segurança.⁴⁴

Os Estados Unidos, considerados a maior potência mundial⁴⁵, utilizam suas grandes competições para expandir o estilo de vida americano e cada vez ter mais influência ao redor do mundo. Por exemplo, seus campeonatos de basquete (National Basketball Association), beisebol (Major League Baseball), hóquei no gelo (National Hockey League) e futebol americano (National Football League). Jogos da NFL, por exemplo, já aconteceram no México e na Inglaterra. Do mesmo modo, a NBA organiza jogos em mercados como a Ásia e Europa. (RUNCO, 2009)

Nye cita que:

⁴² MOURA, *O Rio Corre para o Maracanã...* p. 17.

⁴³ Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd104/futebol-e-politica-externa-brasileira.htm>>. Acesso em 31/10/2019.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd104/futebol-e-politica-externa-brasileira.htm>>. Acesso em: 31/10/2019.

⁴⁵ Os Estados Unidos da América são a nação mais rica do mundo e concentram 1/4 da riqueza mundial com cerca de 18,8 bilhões de euros. Disponível em: <<https://www.imf.org/external/datamapper/NGDPD@WEO/WEO>>. Acesso em: 01/11/2019.

Mesmo esportes populares podem desempenhar um papel na comunicação de valores. É criada uma América que não é nem uma hegemonia militar e nem um leviatã corporativo e sim um lugar mais solto, menos rígido e mais livre, no qual qualquer pessoa que trabalhe duro arremessando uma bola ou manuseando um disco pode se tornar famosa e rica. E os números são expressivos. Os jogos da NBA são transmitidos para 750 milhões de lares em 212 países e 42 línguas. O fluxo de jogos da MLB é de 224 países em 11 línguas. Já a final da NFL, ou Superbowl, atraiu 800 milhões de espectadores em 2003. O número de espectadores esportivos concorre com os 7,3 bilhões de pessoas ao redor do mundo que assistiram filmes americanos em 2002.⁴⁶

Em uma época, na qual as ações bélicas produzem altos custos econômicos e institucionais, além de consequências políticas, a extensão das influências por meios que não sejam de imposição militar ou econômica, aparece como uma opção estratégica viável. Nesse ponto entra o poder brando (*soft power*⁴⁷), e os mecanismos de exploração da cultura e do esporte como meios facilitadores e persuasivos nas interações do sistema internacional. Nye (2004) assevera que o poder brando é a capacidade de um Estado de atingir seus objetivos através do poder do esporte, da atração da sua cultura, das suas ideias, das suas políticas domésticas e da sua diplomacia.

O poder brando procura influenciar as decisões atraindo as outras nações para que elas cooperem e acabem partilhando um objetivo em comum. Nye destaca que:

(...) na política mundial é possível que um país obtenha os resultados que quer porque os outros desejam acompanhá-lo, admirando os seus valores, imitando, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade. Neste sentido é igualmente tão importante estabelecer a agenda na política mundial e atrair os outros quanto força-los a mudar mediante a ameaça ou o uso das armas militares ou econômicas. A este aspecto do

⁴⁶ NYE, *Soft Power...* p. 47.

⁴⁷ Soft power é um termo que foi utilizado pela primeira vez por Joseph Nye nos anos 1980 e posteriormente desenvolvido em sua obra “Soft Power: The Means to Success in World Politics” em 2004.

poder – levar os outros a querer o que você quer -, dou o nome de poder brando. Ele coopta as pessoas ao invés de coagi-las.⁴⁸

Segundo Amazarray (2011), o poder brando pode ser empregado pelos países nas relações internacionais através de diversos meios, como pelo prestígio internacional e por meios esportivos. Jogos esportivos servem além de entretenimento da população, para difundir ideias, definir regimes, organizar resistências e emular conflitos e para reforçar ou até mesmo ampliar a reputação das nações. E a Catalunha utiliza o seu poder brando para tentar fazer com que a percepção dos atores internacionais (países, Organizações Internacionais e grandes corporações multinacionais) seja no sentido do seu reconhecimento como uma nação independente. Para isso, é utilizado a sua história, a sua cultura (literatura, arte, música, cinema, teatro) e o esporte, no qual o *Futbol Club Barcelona* é o seu maior expoente.

2.3 O clube Barcelona e o seu papel no movimento catalão

O *FC Barcelona* é, possivelmente, a face mais famosa do movimento nacionalista, político e cultural catalão que busca a independência perante a Espanha, além de ser a forma de expressão cultural catalã mais conhecida no mundo, e que pode ser exemplificado através do lema do clube em catalão: “*Més que un club*”, em português, “Mais que um clube”. Praticamente todos os clubes de futebol buscam afirmar que sua paixão, sua história, seus jogadores, seus torcedores e sua relevância são em si únicas e especiais. Entretanto, poucos clubes conseguem ter uma ligação étnica forte como o Barcelona tem com a Catalunha, ao mesmo tempo em que conseguem ter um apelo internacional.⁴⁹ Tal parte do capítulo buscará resumir a história do mesmo e compreender as intersecções entre o clube e o movimento separatista catalão.

FC Barcelona: da sua origem até a Guerra Civil Espanhola

⁴⁸ NYE, *Paradoxo do poder americano...* p. 36.

⁴⁹ Outro exemplo de tal identificação étnica pode ser encontrado no Athletic Bilbao e a região basca, entretanto sem o alcance e a relevância internacional e o tamanho financeiro que Barcelona tem. Soma-se a isso a decisão da equipe basca de contar em seu plantel somente com jogadores de origem basca, enquanto o Barcelona tem entre suas maiores estrelas históricas jogadores de diversas nacionalidades. De maneira interessante, entretanto, ambas as equipes, junto com o, grande rival histórico, esportivo e político do Barcelona e que representa de forma simbólica o poder central da Espanha, Real Madrid são as três únicas a nunca terem sido rebaixadas no país.

Fundado em 1899, em um momento no qual o futebol passou a ser popularizado ao redor do mundo, o Barcelona foi fundado, entre outros, pelo cidadão suíço Hans Max Gamper, conhecido na Catalunha como Juan Gamper, além de outros jovens catalães e britânicos (BALL, 2003). Durante o período que se estendeu até 1922, o Barcelona se estabeleceu como a maior força futebolística local, ganhando diversos títulos, construindo seu próprio estádio, e criando o escudo da equipe, que com pequenas mudanças estilísticas ainda se mantém até hoje. De maneira mais importante, entretanto, o FC Barcelona durante tal período resolve adotar o catalão como seu idioma oficial, substituindo assim o castelhano (SPAALJ, 2006). Ou seja, já durante seus anos iniciais, o FC Barcelona começa a associar-se como uma fonte de representação e pertencimento em relação a identidade catalã. As partidas da equipe, portanto, passaram a adquirir um significado étnico e nacionalista para além do jogo de futebol. Já nos anos de 1920, o clube inicia o financiamento de um novo estádio, bancado, em parte, pelos apoiadores da equipe.

No final na década de 1920, em 1929, surge o Campeonato Espanhol, conhecido como *La Liga*, campeonato que ainda encontra-se vigente, e que em sua temporada inaugural foi vencido pelo Barcelona, uma das equipes fundadoras da competição, ao terminar à frente, justamente do Real Madrid, iniciando assim uma das rivalidades mais famosas e importantes do futebol mundial. Os anos seguintes foram de extrema movimentação política na região da Catalunha, e na Espanha de maneira geral, enquanto isso, a equipe, apesar do título inaugural, passou por um momento de queda em seus rendimentos esportivos frente as principais equipes do país, mesmo se mantendo vitoriosa no Campeonato da Catalunha, bem à frente do Espanyol, segunda força esportiva catalã. Durante tal período, inclusive, o número de torcedores que passaram a frequentar o estádio diminuiu devido a problemas políticos que mobilizaram não só a Catalunha, mas a Espanha inteira.⁵⁰

É em tal momento, nos anos 1930, durante a Guerra Civil Espanhola que um dos episódios mais marcantes da identificação do Barcelona com a Catalunha ocorre. Com o início da Guerra Civil Espanhola, e após diversos atletas da equipe se alistarem no exército republicano, no dia seis de agosto de 1936, Josep Sunyol⁵¹, presidente do

⁵⁰ BURNS, Jimmy. *Barça: A People's Passion*. Bloomsbury Publishing. 1998.

⁵¹ Sunyol foi executado por soldados franquistas após ser preso pelos mesmos. O engajamento político dele, tanto em causas pro clube Barcelona, quanto em causas que pleiteavam mais autonomia para a região da

Barcelona, foi assassinado por soldados do general Franco enquanto defendia interesses do clube e da região. Tal momento uniu ainda mais a região com o clube Barcelona, com Sunyol sendo reconhecido com um mártir tanto do clube quanto da identidade catalã (BALL, 2003).

O Franquismo e o FC Barcelona

O fim da Guerra Civil Espanhola, e a ascensão do governo de extrema-direita do General Franco trouxe uma forte repressão a símbolos nacionais e étnicos que se opusessem a uma união nacional espanhola, fortemente baseada na cultura de Madri. Formas de expressão nacionais catalães foram fortemente reprimidas pelo governo madrilenho, o que se estenderia também ao FC Barcelona. O uso da língua catalã foi proibido, o que significou também a mudança do nome de *Futbol Club Barcelona* – em catalão – para *Club de Fútbol Barcelona*, em espanhol; além da proibição do uso da bandeira da Catalunha, o que significou a proibição do uso da mesma no escudo do clube⁵² (BURNS, 1998).

O futebol era uma ferramenta de forte influência política, e isso explica o favorecimento do governo franquista ao Real Madrid. O clube foi usado como uma forma de publicidade para o governo, que, além de coagir rivais, investia em contratações e em criações de torneios, como a Liga dos Campeões, para que a imagem do clube fosse utilizada para angariar tanto admiradores quanto apoiadores para o governo central.

Ao mesmo tempo em que o FC Barcelona começou a ser perseguido pela ditadura franquista, o seu maior rival, o Real Madrid, passou a ser visto como o time oficial do governo ditatorial espanhol. Em 1943, uma derrota por um placar seria marcante para a narrativa de perseguição a equipe catalã e de uma preferência a equipe da capital. Em uma semifinal da atual Copa do Rei (chamada de Copa do Generalíssimo, em homenagem ao ditador Franco, e o equivalente local da Copa do Brasil), após um primeiro jogo no qual a equipe do FC Barcelona ganhou de 3 x 0 em seu estádio, o jogo de volta terminou com um elástico placar de 11 x 1 para a equipe madrilenha. Tal resultado, que considerando

Catalunha fizeram com que o presidente do Barcelona se tornasse um alvo político valioso para o franquismo.

⁵² Por mais de 30 anos o FC Barcelona não pode usar a bandeira da Catalunha em seu escudo. Somente após o fim da ditadura franquista a bandeira catalã retornou ao escudo do clube.

a rivalidade entre as duas equipes, seria um placar a ser constantemente lembrado pela equipe vencedora, é, pelo contrário, mais lembrado pelos torcedores barcelonistas. Alegações de que a polícia franquista teria ameaçado os atletas, caso eles ganhassem do Real Madrid, fazem parte do folclore da equipe, e contribuem também para uma narrativa de perseguição do governo de Madri, ao mesmo tempo em que reforçam a ideia de que o Real Madrid tenha alcançado suas maiores glórias devido ao apoio de um ditador⁵³ (LOWE, 2003).

O apoio do general Franco ajudou a equipe madrilenha, durante os anos 1950 e 1960⁵⁴, período no qual a principal competição de clubes do continente, a Liga dos Campeões da Europa, foi criada, a se tornar um clube dominante, não só no país, mas também no continente. Entretanto, a equipe do Barcelona também conquistou títulos importantes. No último ano da Segunda Guerra Mundial, a equipe catalã conquistou o segundo título da *La Liga* em sua história, com conquistas subsequentes em 1948 e 1949. Os anos de 1952 e 1953 levaram a equipe as suas quinta e sexta conquistas do campeonato nacional. Somados a tais conquistas, a equipe do FC Barcelona conquistou também em algumas ocasiões, a *Copa do Rey*, a Supercopa da Espanha, além da Copa Latina, disputada entre equipes espanholas, portuguesas, francesas e italianas e uma das competições que seriam pioneiras da Liga dos Campeões. Portanto, tal período, apesar da perseguição política e do clima de repressão não significou, necessariamente, um período de derrotas em campo para a equipe.

Se a rivalidade entre Real Madrid e Barcelona trouxe polos políticos em conflito, além de colocar dois nacionalismos em oposição, os resultados esportivos de ambas as equipes também serviram para cimentar a rivalidade entre ambas; e tal rivalidade não seria possível se ambas não tivessem níveis de grandeza parecidos. Logo, os conflitos políticos entre a posição do FC Barcelona (na época CF Barcelona) e a do Real Madrid ajudaram a aumentar a rivalidade esportiva entre as duas equipes (WITZIG, 2006).

O ano de 1957 viu o término da construção de seu estádio, o *Camp Nou*, que hoje em dia é o estádio com a maior capacidade dentro da Europa. Entretanto, mesmo com o estádio, o Barcelona ficou atrás do Real Madrid nas décadas subsequentes, muito pela já

⁵³ A vitória do Real Madrid por 11-1 não é considerada pela FIFA, justamente pelo acontecimento de coação das tropas franquistas.

⁵⁴ Em 1953, o grande jogador da época, o argentino Di Stefano, tinha sido contratado pelo Barcelona, e chegou a jogar cinco amistosos pelo clube, porém o general Franco entrevistou e, no que é considerado o maior “roubo” entre clubes na história do futebol, o trouxe para o Real Madrid. A política franquista perpassava as fronteiras políticas e via no esporte um instrumento importante para fortalecer a sua ideologia.

citada predileção do governo fascista de Franco, que elevaria a equipe a um status de grande representante da Espanha. Enquanto o Barcelona perdeu a primeira final de Liga dos Campeões que disputou, em 1961, para os portugueses do Benfica, o Real Madrid já havia ganho as cinco primeiras disputadas. Dentro do país, o Real Madrid também seria soberano no período dos anos 1950 até o fim do Franquismo em 1974, ganhando oito de dez títulos possíveis da *La Liga* nos anos 1960 (seu rival municipal, o Atlético de Madrid, ganharia os outros dois). Ou seja, os anos do franquismo foram extremamente generosos para o Real Madrid, enquanto o Barcelona se contentaria com títulos esparsos da *Copa do Rey*.

Os anos 1970, entretanto, trouxeram mudanças significativas para a equipe, com a contratação de um dos personagens mais importantes da história do clube que também teve grande representatividade para a região da Catalunha: o holandês Johan Cruyff. Cruyff veio para a equipe catalã como a maior contratação da história do futebol até o momento, e após ser campeão da Liga dos Campeões três vezes com os equipe do Ajax, para a disputa da temporada de 1973/1974, ano no qual, a equipe, devido ao fim do governo do General Franco, mudou seu nome para o idioma catalão. Para além de seu talento esportivo, Johan Cruyff também compreenderia o sentido político e cultural de sua presença no FC Barcelona.

Em primeiro lugar, o holandês, ao chegar no *Camp Nou*, afirmou em uma entrevista que havia rejeitado uma proposta do Real Madrid, posto que não conseguiria jogar em uma equipe tão fortemente associada a um regime conservador e autoritário. Para além disso, Johan Cruyff seria um forte defensor do nacionalismo catalão, algo que pôde ser visto ao escolher um nome catalão para um de seus filhos (Jordi)⁵⁵. Em termos esportivos, Johan Cruyff foi uma peça instrumental na conquista da *La Liga* em seu primeiro ano no *Camp Nou*, acabando, portanto, um período de 13 anos sem títulos nacionais. Dessa forma, a associação entre Johan Cruyff e o Barcelona não se limitava meramente a aspectos esportivos, tendo um forte componente político. Assim, o apoio do mesmo a causa catalã, seu talento esportivo e a identificação dele com a história do Barcelona serviram por consolidar o status do mesmo como uma das figuras mais relevantes na história do clube (BALL, 2003). Cruyff jogou por 6 anos pelo Barcelona e ajudou a popularizar o clube, que somou nesse período mais de 20 mil sócios, logo a

⁵⁵ Johan Cruyff viu-se obrigado a viajar até o seu país natal para poder registrar seu filho “Jordi”, posto que tal nome, devido a sua associação com a Catalunha havia sido proibido pelo governo ditatorial do General Franco.

causa separatista catalão ganhava cada vez mais os holofotes mundiais. Mais a frente, Johan Cruyff voltaria como técnico da equipe, conquistando 11 títulos e se tornando o treinador mais bem sucedido da história do clube até aquele momento. Até a sua morte, em 2016, Cruyff morou na Catalunha e fazia questão de falar o catalão de forma fluente.

As revoluções táticas que a seleção holandesa implementou na Copa do Mundo de 1974, e que tinha em Johan Cruyff o seu principal jogador, passaram a ser utilizadas e assimiladas dentro da maneira de jogar do Barcelona. Assim, a associação entre futebol ofensivo e inovações táticas marcaram também a história do clube, uma equipe cuja narrativa de adaptação e resistência está fortemente imiscuída com um futebol que busca ser propositivo. Assim, se o FC Barcelona buscou ser uma equipe que representava e se identificava com a cultura catalã, a forma própria do clube jogar futebol refletia tal posicionamento político. De tal maneira, a figura de Johan Cruyff foi instrumental para o reconhecimento do Barcelona como uma equipe que preza pelo futebol criativo, tanto através de sua primeira passagem, na qual ele seria eleito duas vezes melhor jogador da Europa, quanto em sua segunda passagem como técnico da equipe.

O Processo de Redemocratização da Espanha e o FC Barcelona

O processo de redemocratização da Espanha levou também a mudanças institucionais extremamente importantes dentro da equipe. Em 1978, os membros do clube passaram a eleger o presidente do FC Barcelona de maneira democrática. Josep Lluiz Nuñez foi eleito e comandou o clube por vinte e dois anos, até a sua saída em 2000. Durante esses 22 anos, o FC Barcelona se consolidou, verdadeiramente, como um clube de ambições mundiais, passando por diversos momentos cruciais na história econômica do esporte, nesse período ocorreu um aumento massivo de investimentos no esporte, a maior presença de patrocinadores, o crescimento exponencial da indústria da comunicação dentro do futebol, o aumento dos salários e passes de jogadores, a Lei Bosman⁵⁶ que mudou o mercado de transferências dos atletas e o início da União Europeia que efetivamente transformou os atletas de países membros da organização em não-

⁵⁶ Foi uma lei que permitiu que os jogadores, considerados trabalhadores comunitários como qualquer outra profissão, pudessem jogar livremente em qualquer país da União Europeia, independente da lei esportiva local.

estrangeiros para efeito de contratações. Somando-se a isso, inicia-se nessa década a concentração na Europa dos principais e mais talentosos atletas do planeta (nos anos 1980 na Itália e nos anos 1990 de maneira mais espalhada entre Espanha, Itália, Inglaterra, Alemanha, Holanda e Portugal). Com todos esses fatores, a importância na propagação mundial do movimento separatista catalão através do FC Barcelona se tornou gigantesca (DOBSON; GODDARD, 2001).

“Pep” Guardiola e a dominação europeia e espanhola

Pep Guardiola, em termos filosóficos, pode ser considerado como uma extensão do trabalho futebolístico iniciado por Johan Cruyff enquanto treinador do Barcelona no final dos anos 1980, pois ambos se baseavam no jogo ofensivo. Guardiola, cuja a carreira no Barcelona B fez com que ele conhecesse uma parte considerável do elenco, decidiu construir a equipe em cima dos atletas formados nas categorias de base do clube, já que estes construíram um sentimento de pertencimento e orgulho a região da Catalunha e também estavam mais familiarizados com o estilo de jogo denominado “*tiki-taka*”, que priorizava a posse de bola, o uso de passes curtos e a movimentação constante dos atletas. Com forte influência do futebol total praticado pela seleção holandesa da qual Johan Cruyff fora o maior expoente, e voltando ao estilo barcelonista de jogar implementado pelo mesmo enquanto técnico da equipe, o “*tiki-taka*” seria também utilizado pela seleção espanhola na Copa do Mundo de 2010⁵⁷, equipe cuja a espinha dorsal era constituída por atletas do Barcelona e do Real Madrid.

Tal estilo seria praticado pelas equipes de base do Barcelona e pelo Barcelona B, o que explicava tanto a aplicação do mesmo pelo técnico Pep Guardiola, quanto a fácil assimilação pelos atletas do elenco, posto que a estrutura da equipe de Pep se deu com atletas formados nas categorias de base. Em seu primeiro ano, Guardiola vendeu Deco para o Chelsea e Ronaldinho, duas vezes melhor do mundo, para o Milan para construir o sucesso de sua equipe ao redor de atletas criados no Barcelona e com vínculo com a cultura catalã, como Xavi, Andrés Iniesta e Lionel Messi.

A primeira temporada de Pep Guardiola terminou com a temporada mais bem-sucedida da história da equipe catalã até aquele momento. Primeiro, a equipe ganhou a *Copa do Rey* ao desbancar os bascos do Athletic Bilbao por 4 x 1. Três dias depois, o

⁵⁷ A Espanha viria a conquistar seu primeiro e único título mundial.

Barcelona se consagrou campeão da *La Liga* ao ganhar do Real Madrid por um elástico 6 x 2 fora de casa. Para coroar a temporada, na final da Liga dos Campeões da Europa, o Barcelona ganhou por 2 x 0 do atual campeão da competição, o Manchester United, em Roma, tornando-se, portanto, a primeira equipe espanhola a ganhar o “*treble*” (Copa, Campeonato e Liga dos Campeões em uma mesma temporada). A temporada seguinte começou com dois títulos: a Supercopa da Espanha e a Supercopa da Europa, e no meio da mesma, em dezembro, o clube ganhou o Mundial. O Barcelona, portanto, no ano de 2009, levantou seis troféus, um recorde até hoje inigualado no futebol europeu.

A temporada seguinte também terminou de maneira eufórica para os torcedores, com a manutenção do título nacional ao estabelecer uma pontuação recorde de 99 pontos. Continuando a tendência iniciada em 2008, o Barcelona teve em 2010, novamente, um ano no qual exerceu uma influência imensa no futebol mundial. Com mais da metade da equipe titular na final da Copa do Mundo que a Espanha ganhou contra a Holanda tendo vindo das categorias de base do clube, uma vitória pelo placar de 5 x 0 contra o Real Madrid e a dominação de atletas da equipe na eleição de melhor jogador do mundo com Messi em primeiro, Iniesta em segundo, e Xavi em terceiro. Gradativamente o desejo separatista catalão ganhava mais eco ao redor do mundo impulsionado pelo sucesso do clube.

A temporada, que se iniciou em 2010 e terminou em 2011, coroou, pela terceira vez consecutiva, o Barcelona como campeão da *La Liga*; além disso, uma vitória por 3 x 1, novamente contra o Manchester United, levou os catalães ao quarto título da Liga dos Campeões. Todavia, uma derrota contra o Real Madrid na final da *Copa do Rey* impediu a equipe de chegar a mais um *treble* em sua história.

O início da temporada 2011/2012 trouxe dois títulos em sequência para a equipe catalã: a Supercopa da Espanha e a Supercopa da Europa. Tais conquistas expandiram o número de troféus da equipe para 74, um a mais que os seus maiores rivais, o Real Madrid. Além disso, o número de fãs da equipe triplicaram e o clube se tornou a equipe mais popular do mundo, levando assim a causa catalã a ficar em destaque em todo o planeta. No final do ano, o Barcelona ganhou do Santos de Neymar por um placar de 4 x 0, tornando-se novamente campeões mundiais. Os três primeiros anos de Pep Guardiola a frente do Barcelona fizeram com que ele conquistasse impressionantes treze títulos dentre dezesseis possíveis. Tais números colocaram o Barcelona de Pep Guardiola, Lionel Messi, Xavi e Iniesta como uma das maiores equipes de futebol de todos os tempos. Certamente, a imensa maioria dos torcedores da equipe catalã afirmariam isso sobre tal

time que encantou o mundo, e conseguiu trazer a ideia do ser catalão para fora das fronteiras do estado espanhol. Tais anos foram essenciais para a manutenção e consolidação do FC Barcelona como uma das mais importantes equipes do futebol mundial, e como forma de associar a identidade catalã com uma das equipes mais admiradas e mais influentes da história do esporte mais influente do mundo.

A temporada de 2011/2012, entretanto, encerrou a passagem de Pep Guardiola como técnico do Barcelona. Uma eliminação contra o Chelsea, que eventualmente seria campeão após derrotar o Bayern Munique na final, nas semifinais da Liga dos Campeões e o título da *La Liga* ficando com o Real Madrid significaria que o ano não seria tão vitorioso quanto se esperara da equipe. Entretanto, Pep Guardiola ainda levaria o Barcelona ao título da Copa do Rey antes de sua saída do Camp Nou. Para o seu lugar, a equipe promoveu seu assistente técnico Tito Vilanova, mantendo assim a continuidade no estilo de jogo da equipe e continuando uma tradição de promover técnicos que já trabalhavam no clube e assim conheciam a equipe e também a cultura catalã.

Em 2017, Guardiola declarou que a vontade do povo catalão precisaria ser respeitada e assim deveria ser realizado um referendo democrático para os cidadãos catalães votarem a favor ou não a independência.⁵⁸

Eu acredito que o povo da Catalunha mostrou mais uma vez uma grande civilidade. Nestas situações não é fácil se controlar, mas eles têm conseguido. Estamos em boas mãos, respeito as pessoas que nos lideram, eles farão o que o povo pede. A única coisa que queremos, imagino que toda a Europa sabe, é votar. Não pedimos a independência, pedimos o direito de votá-la. Isto não é questão de independência, mas de democracia. Existe a possibilidade de que não queiramos a separação. Estou convencido de que as reações serão cívicas, positivas e que iremos todos com uma cédula na intenção de votar.⁵⁹

Barcelona e o Catalanismo: eventos recentes

⁵⁸ O governo espanhol considera inconstitucional e não permite o referendo catalão sobre a independência.

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/bastidores/nadal-e-guardiola-se-manifestam-sobre-independencia-da-catalunha>>. Acesso em: 22/04/2019.

Outro fator extremamente importante na compreensão do FC Barcelona enquanto elemento cultural relevante é o papel que o mesmo tem tido em relação a identidade catalã. Em 2013, por exemplo, a camisa do Barcelona foi inspirada nas cores da bandeira catalã (amarela e vermelha), e, a página oficial da equipe nas redes sociais utiliza-se do idioma catalão, além do inglês e do espanhol⁶⁰. Além disso, o nome da equipe está em espanhol e as cores da Catalunha estão presentes no escudo do FC Barcelona. A associação entre o FC Barcelona e a cultura catalã, como já fora citado anteriormente, encontra-se desde a fundação da equipe e do surgimento da rivalidade entre o FC Barcelona e o Real Madrid. Em muitos momentos, como durante a Guerra Civil Espanhola, a equipe serviu como um elemento catalizador em prol da identidade catalã.

Durante a ditadura franquista, o FC Barcelona era prejudicado de maneira contumaz pelo governo espanhol e preterido de maneira sistemática pelo Real Madrid. Além do mais, com a proibição do ensino, da imprensa e do uso em lugares públicos do idioma catalão, o FC Barcelona foi obrigado a adotar um nome castelhano, além de abandonar os símbolos catalães de dentro da equipe; entretanto, muitas vezes, os jogos da equipe serviam como um local preferencial para uma sociabilidade voltada para a etnicidade e nacionalismos catalães, local onde o idioma era utilizado de maneira mais livre, e onde tais elementos podiam ser expressos de maneira coletiva. A língua catalã e símbolos relacionados a Catalunha, como exposto anteriormente, foram proibidos na Espanha, porém o único lugar que os catalães poderiam se manifestar, pronunciar o idioma catalão e expor bandeiras da Catalunha era, por ser uma instituição privada, o *Camp Nou*, estádio do Barcelona. A cultura da Catalunha foi completamente reprimida pelo governo central, e a única e maior forma de expressão do povo catalão era o Barcelona, e neste contexto surgiu a frase: “Barcelona é mais que um clube.”

A última grande movimentação política em relação à uma possível independência política da Catalunha ocorreu no ano de 2017, com um plebiscito organizado no dia 1º de Outubro pelo governo da Catalunha, após uma lei aprovada pelo parlamento catalão. O referendo fora considerado como sendo ilegal pelo governo espanhol, e o mesmo agiu, através do uso da força, com policiais invadindo locais de votação, o uso de spray de pimenta contra eleitores, o fechamento de zonas eleitorais e o confisco de diversas urnas

⁶⁰ O Barcelona também mantém contas nas redes sociais em outros idiomas como o francês, o japonês, o chinês, o árabe e o português. Tais contas demonstram a popularidade da equipe ao redor do planeta e a capacidade de influenciar na causa catalã.

eleitorais. Entretanto, mais de 2,2 milhões de eleitores na Catalunha foram às urnas, o que representou cerca de 43% do eleitorado apto a votar. A representatividade e a legitimidade do referendo foram ambas questionadas, tanto na Catalunha, quanto pelo governo espanhol. Líderes políticos catalães também foram presos e perseguidos pelo estado espanhol, como Carles Puigdemont, que acabou sendo preso⁶¹ e solto em território alemão. Puigdemont, inclusive, transitou por diversos países da União Europeia denunciando ilegalidades e violações de direitos humanos por parte do governo espanhol, ao mesmo tempo em que Madrid o considerava como fugitivo. Para além disso, o governo catalão foi deposto por Madrid, e novas eleições deveriam ser convocadas para recompor o parlamento.

O referendo ocorreu durante a temporada de futebol espanhola. No dia do referendo, inclusive, uma partida do FC Barcelona contra o *Las Palmas* estava agendada. A diretoria da equipe pediu a Federação Espanhola que o encontro fosse adiado devido à violência que ocorria na região. A Federação Espanhola de futebol negou tal pedido da diretoria do FC Barcelona, e a partida ocorreu. A diretoria da equipe resolveu, então, jogar com portões fechados. O *Camp Nou*, que pode receber quase 100 mil pessoas, esteve vazio e em silêncio. O FC Barcelona lançou uma nota afirmando apoiar a vontade da maioria do povo catalão e que iria continuar a fazê-lo de maneira pacífica e civil.⁶²

Se por um lado, grande parte da população catalã concordava que tal momento não seria ideal para a disputa de uma partida de futebol, por outro, a Federação de Futebol Espanhola tinha uma opinião diferente, e não permitiu o adiamento do encontro com o Las Palmas. O clube estava, portanto, em um impasse. Caso não jogasse, seria punido e perderia pontos pelo W.O.⁶³. Caso jogasse, com sua torcida presente, a reação seria imprevisível. Assim, a partida foi realizada, sem a festa corriqueira dos torcedores e o FC Barcelona se posicionou em prol da possibilidade de escolha política e democrática dos catalães. O FC Barcelona, portanto, hoje em dia, encontra-se entre uma identidade transnacional e internacional, posto que tem torcedores em todos os continentes e movimentam bilhões de dólares ao redor do planeta; simultaneamente é um elemento reconhecível da identidade catalã. Ao mesmo tempo em que é um clube moldado pelos

⁶¹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/lider-catalao-carles-puigdemont-se-entrega-autoridades-na-belgica-22031373>>. Acesso em: 22/04/2019.

⁶² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/10/1923369-barcelona-recua-sobre-nao-entrar-em-campo-e-jogara-com-portoes-fechados.shtml>>. Acesso em: 21/04/2019.

⁶³ É a atribuição da vitória a uma equipe quando a equipe adversária está impossibilitada de competir.

conflitos políticos presentes na Catalunha, especialmente relacionado ao estado espanhol, também é uma equipe de futebol que compete e participa de campeonatos dentro desse mesmo estado espanhol.

Logo, o FC Barcelona encontra-se tendo que articular posições referentes a um internacionalismo e um catalanismo (FISK, 2008); entre ser uma equipe desportiva e um ator politicamente engajado. Tais conflitos fazem parte da equipe desde a sua fundação e apesar de serem corriqueiramente opostos, esses fatores contribuem para a construção da equipe em sua identidade com uma multiplicidade de sentidos e possibilidades. Assim, o FC Barcelona, ao construir sua história em um país que oprimia a identidade étnica de sua região, se constrói com o apoio e ao redor de diversos atletas estrangeiros, que em muitos casos, adotaram também uma perspectiva catalanista. O FC Barcelona ao buscar ser um instrumento político, fortalece o lado esportivo da sua equipe, amealhando torcedores na Catalunha e conquistando o apoio da população local.

Assim, ao observar o referendo de 2017, a reação do governo espanhol, a recusa da Federação Espanhola de Futebol em adiar o jogo, e o posicionamento do FC Barcelona, pode-se ver claramente que a história de fricção catalã frente ao estado espanhol continua sendo um elemento político relevante; e que o clube de futebol FC Barcelona, assim como tem sido, desde a sua fundação, estará também exercendo um papel importante dentro do mesmo, afinal, como já sabemos, o Barcelona é mais que um clube.

III – Catalanismo e FC Barcelona: de 2008 à 2009

3.1 FC Barcelona: de 2008 à 2019

Conforme vimos anteriormente, o FC Barcelona foi instrumental no estabelecimento e manutenção dos valores catalães enquanto forma de expressão cultural e política calcado na identidade catalã, especialmente no que se opõe a uma ideia de Espanha enquanto nação, e enquanto entidade política que historicamente pode ter subjogado a população da Catalunha. O FC Barcelona, enquanto clube de futebol, invocou uma dimensão simbólica de disputa presente dentro do esporte, no qual, através do jogo e do ritual presente no futebol, a identidade catalã foi encarnada em oposição a outros clubes espanhóis, tendo grande destaque a rivalidade com os seus maiores rivais, a equipe madrilenha do Real Madrid. Assim, ao longo de sua história, e em diversos momentos políticos e culturais distintos, o FC Barcelona passou a ser um dos principais símbolos da identidade catalã. Em termos políticos, o FC Barcelona e os seus jogos, também foram locus privilegiados de organização e articulação. Do ponto de vista linguístico, por exemplo, o estádio do *Camp Nou* foi um dos poucos, se não o único local público, no qual o uso do idioma catalão não encontrou forte repressão do governo de Madrid.

Assim, o FC Barcelona também é parte essencial para o estabelecimento e manutenção de articulações políticas e sociais relacionadas a identidade catalã; para além disso, o FC Barcelona é o símbolo da identidade catalã mais reconhecido e associado com a Catalunha no mundo. Com o crescimento exponencial das cifras monetárias dentro do futebol, a internacionalização dos principais clubes europeus, e o número cada vez maior de audiência das principais competições de futebol, especialmente a Liga dos Campeões, e os campeonatos nacionais de países como Espanha, Inglaterra, Itália, Alemanha e França, o futebol cada vez mais se torna, nas palavras de Marcel Mauss (1966), um fato social total⁶⁴, não só nos países que sediam os principais clubes, mas para além das fronteiras dos mesmos.

⁶⁴ O Fato Social Total, para Marcel Mauss, é uma atividade que tem implicações em toda a sociedade, nas esferas econômicas, jurídicas, políticas e religiosas.

O FC Barcelona, devido ao tamanho de suas conquistas, o tamanho de seu orçamento, e o papel de destaque histórico que tem, tanto dentro da Espanha, quanto dentro do futebol europeu, não é apenas uma equipe coadjuvante em tal mudança, mas sim, um dos principais atores e personagens a movimentar o mercado do futebol. (KUPER; SZYMANSKI, 2018). Tal papel de destaque em termos financeiros e esportivos levou, portanto, a uma maior consolidação do mesmo enquanto símbolo a ser reconhecido, de maneira metonímica, com a região da Catalunha, e com suas aspirações tanto políticas, quanto culturais.

Logo, as conquistas travadas por atletas que ainda estão na equipe, ou que fizeram parte da mesma, como Lionel Messi, Xavi, Iniesta, Carlés Puyol, Luís Suarez, Neymar, Dani Alves, Gerard Piqué, Sérgio Busquets, Rakitic, Arthur e a partir da temporada atual, Antoine Griezmann levaram, assim, o nome e os símbolos da equipe para além das fronteiras da região da Catalunha. Dessa forma, os jogos do Barcelona transportaram a identidade catalã para além das fronteiras do estado espanhol a cada jogo da equipe e da audiência que a mesma tem ao redor do planeta. Ao levar a identidade catalã para longe das fronteiras da Catalunha, o Barcelona fortalece cada vez mais os valores catalães e suas diversas correntes. (BURNS, 1998).

Em diversos momentos, tal fortalecimento se deu de uma maneira passiva, com o Fútbol Club Barcelona sendo uma figura internacional em prol da identidade catalã somente por sua existência e o seu sucesso desportivo, primordialmente no futebol, mas também em outros esportes. Em outros momentos, entretanto, o FC Barcelona atuou de maneira ativa na promoção de valores e de símbolos ligados a identidade catalã. Desde o ano de 2008 até a presente temporada, tal valorização se deu em diversos momentos, apesar de haver situações nas quais a ideia de uma identidade catalã não seria vista como prioritária. Tal período será analisado a seguir.

FC Barcelona: o catalanismo enquanto causa internacional versus o catalanismo dentro da Catalunha

Conforme fora afirmado anteriormente ao longo de tal dissertação, o FC Barcelona já no século atual se manteve como uma das principais potências futebolísticas do mundo, ao mesmo tempo em que se consolidou como uma das equipes financeiramente mais ricas, em um processo que tem cada vez mais se aprofundado, e gerado uma elite de poucos clubes com gastos cada vez maiores dentro do futebol

européu. Tais gastos são sustentados por patrocínios, venda de ingressos, de produtos relacionados ao clube, premiações esportivas, venda de jogadores, mas são, especialmente, financiados pelos direitos de transmissão dos jogos das equipes. Cada vez que os contratos de TV são negociados para os diversos campeonatos do mundo, os valores são cada vez maiores, combinando com os gastos também cada vez maiores das equipes em fortalecer o seu elenco. (DOBSON; GODDARD, 2001).

Os contratos de TV tem tido cada vez mais o fator internacional como elemento importante para remuneração financeira dos mesmos. Os mercados asiáticos, do Oriente Médio, e dos EUA e Canadá, tem cada vez mais sido explorados e tratados com atenção especial pelas equipes europeias. Com populações elevadas, uma classe média estabelecida e um perfil ávido para o consumo, países como a China, Japão, Coreia do Sul, Arábia Saudita, Qatar, entre outros, tem constantemente sido foco de ações de marketing de diversas equipes europeias. Somando-se a isso, o fato de diversos desses países não terem campeonatos nacionais fortes e estabelecidos, gera uma procura bastante grande pelo consumo de diversos produtos, o que inclui as partidas, dessas equipes da elite europeia de futebol. Ou seja, essas equipes tornam-se cada vez mais internacionais do ponto de vista econômico, aumentam a sua influência e prestígio em torno do mundo e elevam o seu faturamento. (ARNAUD; RIORDAN, 1998).

Assim, dentro de tal perspectiva, as equipes da elite do futebol europeu, o que inclui o Barcelona, passam a dedicar-se de maneira mais contundente a criar uma identidade internacional, e também começam a criar planos específicos de forma a estreitar laços com torcedores de fora de sua região de origem. Sites e redes sociais em diversos idiomas; amistosos, períodos de pré-temporada ou até jogos oficiais em outros países; o aumento do marketing e campanhas específicas para determinados mercados consumidores importantes são exemplos claros dessa internacionalização das equipes de futebol enquanto marcas a serem consumidas. Considerando tal situação, o Barcelona passou a articular a identidade catalã a extremamente necessária internacionalização da equipe, o que funcionou tanto como uma maneira de se diferenciar das outras equipes europeias, como uma forma de fortalecer a identidade de suas raízes catalãs tanto para a sua torcida, quanto para os seus sócios dentro da Catalunha.

Logo, devido a uma necessidade de internacionalização somado a uma particularidade identitária do FC Barcelona, o nacionalismo catalão enquanto movimento político e cultural, adquiriu uma característica nova ao longo do século XXI e a mudança econômica que gradualmente passou a ser uma realidade do futebol internacional,

especialmente das equipes de grande porte da Europa. Em termos absolutos, o FC Barcelona veio, portanto, a ser o símbolo ligado a identidade catalã mais amplamente conhecido ao redor do planeta, ao mesmo tempo em que passou também a ser uma instituição financeira cada vez mais forte e representativa para a população catalã, posto que tal crescimento financeiro surge concomitantemente ao crescimento financeiro de seu maior rival: o Real Madrid. Assim, o Barcelona estabelece-se como uma equipe cada vez mais catalã para a população da Catalunha, ao mesmo tempo em que se torna um equipe cada vez mais internacional para o público internacional. Somando-se a isso, vemos vários momentos em que o FC Barcelona se insurge contra símbolos espanhóis, e que em diversos momentos reforça essa identidade catalã que houvera sido fortemente reprimida durante os anos da ditadura franquista.

Tal processo, de algo que se aproxima de um marketing em relação a identidade catalã para consumo externo, tem alguns momentos especialmente interessantes para serem analisados. Se, por um lado, o FC Barcelona passou a abrir mão da possibilidade de valorizar a Copa da Catalunha, mandando times mistos, ou mesmo utilizando o Barcelona B durante a competição; por outro, o Barcelona adotou em diversos momentos símbolos relacionados ao nacionalismo catalão, e teve, tanto com seus jogadores, como enquanto instituição, apoiado causas nacionalistas da Catalunha. Tais posicionamentos, que podem ser interpretados como sendo opostos, tem ambos as suas racionalidades e é dentro de tal perspectiva que iremos analisar ambos.

A Copa Da Catalunha e o Barcelona: de um clube local para um clube global.

A Copa da Catalunha, em suas diversas encarnações, é o torneio futebolístico mais antigo da Espanha, precedendo, inclusive o Campeonato Espanhol – a *La Liga* – e a *Copa del Rey*. Iniciada em 1900, com o título de *Copa Macaya*, em sua primeira encarnação, e depois renomeada *Campionat de Catalunya*, até o ano de 1929, o campeão de tal título disputaria a Copa da Espanha, principal competição esportiva até o advento da *La Liga* no mesmo ano.

Mesmo com o surgimento de uma competição nacional, com calendário fixo, tal competição seria realizada até o ano de 1940, quando a ascensão do franquismo levou a proibição de competições futebolísticas que não fossem organizadas pela Federação Espanhola de Futebol. Após o processo de redemocratização da Espanha, a Copa da Catalunha voltou a ser disputada a partir do ano de 1984, mas contando somente com a

presença de equipes não profissionais da região. Somente na temporada de 1989 é que times de primeira e segunda divisão como o próprio FC Barcelona, o Espanyol e o Girona voltaram a disputar a competição, e passaram, devido ao seu nível técnico extremamente superior, a dominá-la. FC Barcelona e Espanyol – as duas maiores equipes da Catalunha – voltaram a ser, como foram até os anos 1940, as principais forças dominantes da Copa da Catalunha. Entretanto, devido, tanto ao desnível técnico da competição, cujos participantes, em sua maioria, eram equipes de terceiro escalão, e em muitos casos, equipes semiprofissionais ou até amadoras, quanto ao período de quase 50 anos em que a competição fora proibida pelo governo franquista, a *Copa da Catalunya* passou a perder o seu prestígio e relevância esportiva.⁶⁵ (BURNS, 1998).

Nos anos após o ressurgimento da *Copa da Catalunya*, as duas equipes de primeira divisão da região (Barcelona e Espanyol) passaram a menosprezar a competição, enviando equipes B, o que levou a Federação Catalã a buscar negociações com ambos os times para que os mesmos pudessem participar, buscando assim restabelecer o prestígio da competição e do futebol catalão de maneira geral. No geral, tais negociações esbarraram em problemas de calendário e também na falta de disposição das equipes em aumentar o número de jogos durante a temporada em um título que era visto como algo meramente protocolar, e sem nenhuma relevância esportiva, ou ainda, sem nenhuma competitividade. (BURNS, 1998).

Em 2012, devido a pressão tanto do Barcelona quanto do Espanyol, a competição foi transformada, havendo uma divisão entre a *Copa da Catalunya* e a *Supercopa da Catalunya*. Enquanto a Supercopa seria uma disputa em jogo único entre as duas melhores equipes catalãs na temporada, a *Copa da Catalunya* manteve o seu formato de disputa englobando todas as outras equipes da região em um caráter eliminatório, sempre sendo decidido na casa da equipe da divisão mais fraca. Assim, a competição contando com todas as equipes da Catalunha foi mantida, e uma disputa entre as duas melhores equipes da Catalunha na temporada também ocorreria.

O FC Barcelona, (que desde o início da *La Liga*, só ficou 3 vezes atrás do Espanyol) e o próprio Espanyol são as equipes mais fortes e estruturadas da região, logo, a realização da Supercopa da Catalunha dependia, primordialmente, da anuência de ambas as equipes em manter a competição. Entretanto, ainda no ano de 2012, devido a discordâncias entre ambas as equipes, a Federação Catalã anunciou que a competição

⁶⁵ Vale ressaltar que o Campeonato Espanhol – a *La Liga* – é muito mais rentável financeiramente ao Barcelona do que seria a *Copa da Catalunya*.

viria a ser suspensa de maneira indefinida, mantendo assim, somente a Copa da Catalunha.

Já na temporada de 2014, tal suspensão veio a cair, com a concordância das diretorias de ambas as equipes em disputar a competição no estádio do Girona⁶⁶, enquanto os plantéis B de ambas participavam da Copa da Catalunha. O resultado da primeira edição da Supercopa foi uma vitória da equipe do Barcelona, após disputa por pênaltis. Já a temporada de 2015 novamente viu a competição ser desprezada tanto pelo Barcelona quanto pelo Espanyol pelos mesmos motivos sempre alegados pelas diretorias dos dois clubes. O ano seguinte ocorreu a competição, assim como durante a temporada de 2018 e a de 2019. A última temporada, inclusive, teve uma final diferente do usual, posto que o Girona terminou a La Liga em décimo lugar, na frente do Espanyol, e acabou se sagrando campeão após derrotar o FC Barcelona por 1 x 0.

Assim, vemos o FC Barcelona com uma postura um tanto indiferente em relação ao desenvolvimento de competições esportivas dentro da Catalunha. Considerando que somente eles e o Espanyol são presenças constantes catalães na La Liga, ambos os times não parecem encontrar um valor esportivo em manter uma competição com outros times da região, e também enxergam um campeonato que quase sempre será disputado entre ambos como uma perda de tempo e sem o apelo necessário as torcidas de ambas as equipes; especialmente para a torcida do Barcelona que enxerga no Real Madrid o seu maior rival, e em equipes como Valencia, Atlético de Madrid como estando mais próximas de seu nível competitivo na Espanha, ao mesmo tempo em que enxergam também nas grandes equipes europeias rivalidades que valem mais a pena esportiva e financeiramente de serem reforçadas.

Somado a isso, e muito provavelmente um dos fatores mais prováveis para o distanciamento do Barcelona, as conversas sobre uma possível independência da Catalunha fizeram a federação espanhola, em diversos momentos, a se pronunciar, que caso, a Catalunha, efetivamente, se tornasse independente, as equipes da região não poderiam mais jogar na Liga Espanhola. Mesmo havendo precedente de equipes de um país participando da liga de outros, como o Mônaco na Liga Francesa e Cardiff e Swansea – equipes galesas – que fazem parte da Liga Inglesa de futebol, a Federação Espanhola foi bastante incisiva em sua afirmação de que uma Catalunha independente significaria

⁶⁶ *Girona Futbol Club* é um clube de futebol catalão da cidade de Girona que disputa a Primeira Divisão Espanhola.

uma Catalunha sem presença nos campeonatos de futebol organizados pela Federação Espanhola de futebol.

Considerando o imenso desnível técnico presente na região, com somente uma equipe de influência global, uma equipe de médio porte e diversos times de divisões subalternas, a participação em uma futura liga catalã significaria um enorme prejuízo financeiro e esportivo para o FC Barcelona. Assim, considerando tal contexto torna-se compreensível a indiferença do Barcelona frente a presença de competições envolvendo as equipes catalãs. Apesar do Barcelona afirmar que aceita as decisões soberanas do povo catalão, é bastante claro que tal mudança seria bastante prejudicial para a equipe. Mesmo como uma possível ascensão a Ligue 1 na França⁶⁷, que é uma das ligas mais ricas da Europa, a mesma ainda é mais fraca que a La Liga, e, o mais importante, a inexistência de uma rivalidade com equipes francesas tão forte quanto entre Real Madrid e Barcelona. A junção com o futebol francês seria a melhor coisa do ponto de vista esportivo, mas mesmo assim, não seria capaz de prover a ausência da rivalidade histórica com o Real Madrid e outras equipes.

FC Barcelona e o apoio ao catalanismo: exemplos recentes

Entretanto, o FC Barcelona não se privou de utilizar-se de símbolos ligados a identidade catalã, ou ainda, de se envolver com a política local em alguns momentos chave. Na temporada de 2014/2015, o FC Barcelona adotou, como segundo uniforme, uma camisa listrada em vermelho e amarelo, as mesmas cores da bandeira catalã. A alusão a “*Senyera*”⁶⁸ mostra claramente que o clube não se privou de adotar símbolos ligados a cultura e a etnicidade catalãs, como forma de manter uma suposta neutralidade que tende a ser padrão dentro de clubes com expressão internacional, como forma de não ofender a ninguém – leia-se a nenhum potencial consumidor; pelo contrário, o FC Barcelona, com tal camisa, adotou abertamente uma posição de valorização cultural do catalanismo enquanto movimento popular.

Tal movimento de valorização da identidade catalã pode ser considerado uma tentativa do clube em capitalizar com a sua torcida na sua região de origem. Uma camisa

⁶⁷ A Catalunha faz fronteira com a França e tem referências francesas em sua cultura, por exemplo, no seu idioma que tem influências da língua francesa, além do castelhano.

⁶⁸ A bandeira da Catalunha também é conhecida como “*Senyera*”.

com as cores da bandeira catalã e o escudo do Barcelona eram dois símbolos inequívocos de apoio ao catalanismo. Entretanto, ao buscar utilizar símbolos que seriam inequivocadamente compreendidos pela população catalã (e pelo resto da população espanhola também), o FC Barcelona acaba também por levar a causa do catalanismo para além das fronteiras regionais. (BURNS, 1998).

Considerando que a equipe tem uma participação internacional bastante forte, o uso de tais cores levou a causa catalã para além das fronteiras da Catalunha, posto que, enquanto símbolo esportivo que se associou ao escudo do FC Barcelona, a equipe trouxe um apoio tácito ao catalanismo e também colaborou na internacionalização da identidade catalã, que historicamente era visto dentro do território espanhol como sendo um regionalismo. No dia posterior ao dia nacional da Catalunha, como forma de comemorar tal feriado, o FC Barcelona jogou com seu segundo uniforme dentro da casa, uma prática incomum, mas cujo o simbolismo não se perdeu para qualquer torcedor do FC Barcelona, ou qualquer pessoa que estivesse inserida culturalmente na Catalunha.

Na semana que antecedeu tal partida, que de maneira bastante propícia, era contra o Athletic Bilbao, rival do País Basco, região que historicamente também nutre projetos nacionalistas e irredentistas, ocorreu uma passeata em prol da independência catalã. Tal passeata contou ainda com a presença do zagueiro do FC Barcelona: Piqué. Ou seja, o envolvimento do Barcelona com o projeto catalão continuou sendo evidente, sendo impossível e indesejável para a equipe manter uma pretensa neutralidade que outros times de futebol sempre almejavam manter em busca de amplificar seu alcance enquanto produto a ser vendido e consumido.

Em um outro momento importante, em 2017, no qual o FC Barcelona demonstrou claramente seu apoio a autodeterminação popular catalã foi durante o referendo consultivo organizado pelo estado da Catalunha em relação ao desejo independentista da população local. Organizado pela Autoridade Catalã à revelia do governo madrilenho, tal referendo foi marcado por uma participação popular relativamente alta, ao considerarmos a violência perpetrada pela polícia espanhola, e pelas inúmeras tentativas de roubos de urna, além da intimidação das autoridades a quem resolvesse ir votar em um referendo que o governo espanhol não reconheceu como sendo válido ou legal. O FC Barcelona tinha um jogo marcado pelo Campeonato Espanhol no mesmo dia da consulta. A administração do clube tentou de diversas maneiras adiar ou antecipar a partida; entretanto, a Federação Espanhola se mostrou irredutível quanto a tal possibilidade e

afirmou categoricamente que o jogo deveria ser jogado nesse dia de maneira impreterível.⁶⁹

Portanto, o FC Barcelona não tendo escolha, a não ser perder de W.O e sofrer a punição da entidade que controla o futebol, optou por jogar a partida, mas realiza-la com portões fechados de forma a não distrair a população local em relação a uma data tão importante e também como forma de protesto a federação espanhola. Após a partida, diversos jogadores, entre eles, o zagueiro Piqué, manifestaram seu apoio ao referendo e ao direito de decisão do povo catalão em relação ao seu futuro.

O FC Barcelona e a sua ligação histórica com movimentos culturais catalães poderia trazer repercussões, por exemplo, em mercados que contam com seus próprios movimentos étnicos que almejam independência, como a China. Entretanto, a história da equipe, conforme foi analisado anteriormente em tal trabalho, não foi negada ou apagada como forma de atrair novos consumidores em detrimento dos torcedores e associados. Assim, a busca de uma neutralidade jamais foi uma possibilidade concreta para o Barcelona, e portanto, em termos práticos e estratégicos faz mais sentido para o clube, enquanto se consolida cada vez mais como uma potência internacional, abraçar o catalanismo quanto elemento formativo de sua identidade, além de uma maneira de se diferenciar das outras equipes que se degladiam pelo enorme mercado internacional do futebol.

Assim, o FC Barcelona se transformou no símbolo mais famoso da cultura catalã para o resto do planeta, acima de elementos como a arquitetura de Gaudí⁷⁰, ou ainda, a culinária catalã⁷¹. O momento econômico atual, no qual, não só o futebol, mas os esportes de maneira geral, passam a movimentar cada vez mais somas vultuosas de dinheiro,

⁶⁹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/deportes/1506851514_076582.html>. Acesso em: 24/10/2019.

⁷⁰ Antoni Gaudí i Cornet foi um famoso arquiteto nascido na Catalunha e figura de ponta do Modernismo catalão. O Modernismo catalão é um estilo arquitetônico que se desenvolveu na Catalunha, notadamente em Barcelona, durante cerca de cinquenta anos, entre 1880 e 1930. A grande maioria das obras de Gaudí se encontra em Barcelona.

⁷¹ A Culinária da Catalunha é de origem mediterrânea, considerada saudável e diferenciada, pois partilha os ingredientes mais distintos da região, por exemplo, os vegetais ricos em fécula, os legumes frescos, o azeite de oliva e os peixes do Mediterrâneo. Tal culinária é de origem antiga e fiel à preservação na confecção dos pratos. De uma forma geral, ela se compõe de pratos simples de serem realizados e sem muitos ingredientes, para que se possa reconhecer o sabor dos produtos de boa qualidade. Os catalães adotaram os produtos e técnicas, principalmente em confeitaria, dos árabes e judeus; os legumes secos dos soldados romanos; e também os tomates, as batatas e o chocolate da América. Nos dias atuais, os jovens fazem uma apresentação aos pratos de sempre, ou tentam introduzir alguma novidade, porém sempre respeitando as receitas tradicionais.

transformou o FC Barcelona de um clube relevante no cenário espanhol e europeu em uma das maiores marcas esportivas do planeta, e levou jogadores – do qual o maior exemplo é o argentino Lionel Messi⁷² – ao status de verdadeiras celebridades, cujo a presença através de contratos de publicidade e da transmissão das partidas, se estende, virtualmente, a todos os cantos do planeta.

Logo, o FC Barcelona se torna uma instituição cada vez maior e mais influente ao redor do planeta⁷³ ao mesmo tempo que ainda se mantém como uma equipe controlada e mantida por sua base de torcedores e sócios presentes, majoritariamente, na região da Catalunha, ao mesmo tempo em que necessita da internacionalização da equipe enquanto forma de sustentar os gastos necessários para bancar uma equipe constantemente competitiva na Espanha e na Europa. Assim, o FC Barcelona se coloca cada vez mais como o representante da identidade catalã ao redor do planeta, e ao se colocar (ou ser colocado) em tal posição é impelido a tomar decisões e posicionamentos relacionados a questões políticas entre a região da Catalunha e o governo espanhol.

Tais posicionamentos, de tal maneira, se tornaram parte cada vez mais relevante do FC Barcelona, e enquanto uma equipe global, os mesmos estão gradativamente sendo promovidos ao redor do planeta. Para além das vitórias e das performances de seus melhores jogadores, dos gols marcados e dos títulos levantados pela equipe, o FC Barcelona representa também valores associados com a causa catalã, especialmente ao manterem uma identidade esportiva e política que historicamente tem se oposto ao Real Madrid, equipe que representou o governo franquista em termos políticos e que em termos esportivos, é a maior vencedora de títulos europeus. Em termos políticos, o autoritarismo e a intransigência do governo madrileno em relação ao desejos independentistas da região da Catalunha se assemelham a história do Real Madrid de conluio e anuência nos crimes cometidos pelo regime ditatorial franquista. Dentro dessa narrativa, o FC Barcelona pode ser considerado um clube aguerrido e que superou todas as condições estruturais adversas.

Ou seja, a composição social e política histórica do FC Barcelona se tornou mais um ponto de diferenciação e publicidade frente a outras equipes com impacto global, ao

⁷² Messi é considerado um dos melhores jogadores de todos os tempos e acaba de conquistar pela sexta vez o título de melhor jogador do mundo, um recorde absoluto. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/09/messi-supera-cristiano-ronaldo-e-e-melhor-do-mundo-pela-sexta-vez.shtml>>. Acesso em: 24/10/2019.

⁷³ De acordo com um estudo realizado pela Brand Finance, o FC Barcelona é o time de futebol mais influente do mundo. Disponível em: <<https://brandfinance.com/news/el-barcelona-vence-al-madrid-en-el-clasico-de-las-marcas>>. Acesso em: 24/10/2019.

mesmo tempo que a intensidade da globalização da equipe aumenta cada vez mais a influência que a mesma tem dentro do movimento catalão. Assim, uma articulação de mão dupla pode ser observada, em que o FC Barcelona enquanto fenômeno esportivo global e o FC Barcelona enquanto instituição representante do catalanismo se reforçam de forma concomitante. (BURNS, 1998; BALL, 2003).

3.2 Piqué e a face do Catalanismo

Gerard Piqué, nascido no dia 2 de fevereiro de 1987, é um zagueiro da seleção espanhola de futebol e de origem catalã, cuja a carreira se desenvolveu quase sempre atuando pelo FC Barcelona. Formado nas divisões de base de La Masia⁷⁴, antes de se profissionalizar, o Manchester United da Inglaterra foi atrás do jovem atleta e assinou um contrato com ele por quatro temporadas. Piqué, em seu período pelos gigantes ingleses, foi um jogador com uma importância para a rotatividade do elenco, mas sem jamais garantir a titularidade na equipe então comandada por Alex Ferguson. Tanto que ao longo das quatro temporadas, durante uma delas, o zagueiro foi emprestado para o Zaragoza da Espanha para poder ganhar mais experiência.

Em 2008, o Barcelona executou uma cláusula do contrato do atleta, e o comprou do Manchester United. A contratação foi um pedido do técnico Pep Guardiola, que já conhecia o atleta devido ao seu trabalho nas divisões de base da equipe. A partir daí, somam-se já 11 temporadas nas quais o zagueiro continua a ser uma figura extremamente importante para o Barcelona, sob o comando de diversos treinadores. Esse período foi extraordinariamente bem-sucedido na carreira do atleta, garantindo troféus da Liga dos Campeões, Mundial Interclubes, *La Liga* e *Copa del Rey*, além de ser o zagueiro titular na conquista da Espanha na Copa do Mundo de 2010 na África do Sul. Considerando todos esses fatores, poucos especialistas em futebol discordariam em afirmar que Piqué é um dos melhores jogadores da posição na história da Espanha.

Nascido em uma família de origem catalã e de classe média, cujo o pai era empresário, e a mãe diretora de hospital, Gerard Piqué tem ligações com o clube que vão para além de sua carreira. Seu avô materno já fora vice-presidente do Barcelona antes do zagueiro ser nascido. Como o jornal inglês *The Guardian* (2009) noticiou após a

⁷⁴ Termo usado para a academia de jovens do FC Barcelona.

contratação do atleta, Piqué tinha o DNA do Barcelona.⁷⁵ Tal afirmação, por um lado serviu para informar os leitores do jornal que Piqué era um atleta com uma ligação histórica com a equipe; por outro lado, tal afirmação também denota fortemente a identidade étnica e cultural do atleta.

O Barcelona não foi meramente um clube no qual o jogador começou a sua carreira como milhares de outros jovens ao longo das décadas em diversos esportes; Piqué tem o Barcelona em seu sangue devido a participação de seu avô, Amador Bernabeu, na política do clube; Piqué, assim, vem de uma longa tradição de torcedores do Barcelona, e incorporou, enquanto atleta e torcedor do Barcelona o lema “Mais que um clube” de maneira bastante clara para qualquer um que conhecesse a história dele e a história do clube. Gerard Piqué é um dos atletas no qual a torcida imagina que caso não fosse jogador de futebol, estaria nas arquibancadas do Camp Nou comemorando os títulos da equipe junto com eles mesmos.

Atletas que se identificam com a torcida são um fenômeno comum no futebol. Em um universo esportivo cada vez mais ligado a redes sociais, esse é um fato cada vez mais comum, e cada vez mais explorado pelos atletas (ou ainda, pelo empresas de relações públicas que gerenciam a carreira dos mesmos). As provas de amor pelo clube são repetidas costumeiramente em redes sociais para que torcedores se identifiquem com o atleta, e vejam nele algo além de um profissional que joga futebol, ou ainda, que um atleta extremamente talentoso, mas sim, um representante deles mesmos em campo. Piqué abraçou tal posição dentro do FC Barcelona (mesmo não sendo o único a fazê-lo) utilizando-se das formas mais comuns que os atletas tendem a usar, ou seja, através de redes sociais, entrevistas, ao lidar com torcedores e a postura dentro e fora de campo.

Entretanto, considerando as diversas particularidades expressas ao longo desse trabalho em relação ao FC Barcelona – nominalmente, a relação histórica que a equipe tem com o Catalanismo, como símbolo da identidade catalã e a relação historicamente conflituosa com o governo espanhol sediado em Madrid – o reconhecimento de Piqué enquanto um tipo de ídolo, que adota para a torcida do Barcelona o sentimento do que é ser um barcelonista em toda a questão política e identitária que o clube abarca para a população local, é diferente do que a maioria dos atletas tende a manter, pois costumeiramente, por meio de suas assessorias de imprensa, evitam lidar com assuntos

⁷⁵ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2009/may/24/gerard-pique-barcelona-champions-league>>. Acesso em: 04/11/2019.

políticos que sejam vistos como capazes de rachar a sua base de fãs, ou seja, assuntos que sejam polêmicos.

Opiniões e posicionamentos são filtrados para que não ofendam muitas pessoas, e para que não alienem a base de fãs que o atleta poderá ter. A lógica atrás de tal prática vem da questão financeira, afinal, a imagem dos atletas é consumida pelos seus fãs, significando assim, no caso das maiores estrelas, uma forma de renda extremamente relevante, e uma forma de renda que pode, inclusive, continuar sendo explorada após o atleta se aposentar dos gramados. Como via de regra, a maioria dos atletas tende a evitar posicionar-se dentro de posições conflituosas, posicionar-se politicamente, ou ainda, expressar-se de maneira que possa ofender qualquer tipo de sensibilidade por parte de sua torcida.

Entretanto, Gerard Piqué em diversas maneiras acaba por ser a antítese dessa tendência entre os atletas de seu esporte, posto que o mesmo jamais deixou de se manifestar em prol do catalanismo, e do direito do povo catalão de decidir-se sobre o seu futuro como uma nação independente da Espanha, e isso mesmo sendo um dos atletas mais importantes da seleção espanhola na última década, contando com mais de 100 convocações para La Fúria⁷⁶ desde o ano de 2009.

O nacionalismo catalão de Gerard Piqué e a sua posição favorável a uma independência catalã em relação a Espanha tem sido um fato bastante discutido pela imprensa e pela população, não só catalã, mas em todo o território espanhol. O fato de Piqué ser uma das figuras mais sólidas e confiáveis da seleção espanhola nos últimos 10 anos, e mesmo assim, não gozar de uma unanimidade entre os torcedores da seleção, serve para demonstrar que a posição política do atleta tende a ser vista como bastante polêmica fora da região da Catalunha. O plebiscito que ocorrera em 2017 foi publicamente apoiado pelo atleta⁷⁷, que postou sobre seu apoio via *Twitter*⁷⁸, além de postar também, na mesma rede social, sua insatisfação com a forma com a qual a polícia espanhola, sobre comando da Guarda Civil reprimiu os eleitores, e a maneira com a qual tal repressão havia sido naturalizada pelo governo madrileno.

⁷⁶ “*La Fúria*” que tem o significado de “A Fúria” foi um apelido dado a seleção espanhola, devido a raça e vontade dos jogadores de antigamente. Com o tempo e a mudança de estilo para um futebol mais vistoso, a seleção passou a ser chamada de “*La Roja*” (A Vermelha) devido a cor de seu uniforme.

⁷⁷ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6183110/>>. Acesso em: 04/11/2019.

⁷⁸ *Twitter* é uma rede social com grande alcance que permite ao usuário enviar e receber mensagens.

Tal posicionamento levou diversos nacionalistas espanhóis, que se opõe a independência da Catalunha, a se manifestarem, inclusive indo a alguns treinamentos da seleção espanhola que foram abertos ao público, para expressar o seu descontentamento com a posição política do atleta do FC Barcelona. Mesmo tendo sido atleta da seleção espanhola por uma década (isso sem contar as divisões de base), Piqué não parece acreditar na existência da Espanha enquanto uma nação que contenha a identidade catalã de maneira submissa, vendo a ideia do catalanismo como sendo, no mínimo, uma posição política que possivelmente deveria ser almejada, ou ao menos discutida pela população da Catalunha com total liberdade, algo que já é contrário aos anseios do governo central de Madri e já é visto para muitos de fora da região da Catalunha como sendo uma insubordinação a ser combatida.

Tal movimentação de apoio, apesar de não ser explicitamente voltada a uma independência catalã – Piqué não afirmou de maneira direta ser a favor da independência, somente mantendo uma postura de apoio a que a questão seja discutida pela população catalã – já seria, ao mesmo tempo, suficiente para angariar uma antipatia dentro da população espanhola, e também em relação a diversos de seus companheiros de equipe, especialmente os que atuavam no Real Madrid, posto que durante os anos em que Guardiola esteve à frente da equipe catalã e Mourinho⁷⁹ a frente da equipe madrilena, a rivalidade entre ambas as equipes se tornou cada vez mais explícita e cada vez mais bélica. Como durante esse período, ambas foram absolutamente as principais equipes do país, a rivalidade preocupava os responsáveis da Federação Espanhola. O então treinador da seleção espanhola, Vicente del Bosque, falava abertamente sobre a questão e conseguiu ser bem-sucedido em manter os ânimos dos atletas de maneira controlada para que a equipe pudesse ser campeã mundial em 2010.⁸⁰ Entretanto, a população consome tal tipo de informação sobre intrigas entre os atletas cotidianamente, e sendo elas falsas ou verdadeiras (ou algo entre isso), a antipatia a Gerard Piqué já é explícita, por exemplo, nos torcedores do Real Madrid.⁸¹

De tal maneira, as rupturas que marcaram o processo de formação do Estado Espanhol e suas distintas identidades étnicas com desejos nacionalistas e irredentistas

⁷⁹ José Mourinho, técnico português, que dirigiu o Real Madrid entre os anos de 2010 e 2013.

⁸⁰ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/espanha-vence-holanda-e-campea-mundial-pela-primeira-vez-2980495>>. Acesso em: 04/11/2019.

⁸¹ Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/559013_por-que-pique-virou-o-jogador-mais-odiado-em-madri>. Acesso em: 04/11/2019.

também se traduziram para a equipe de futebol espanhola, e para o futebol espanhol de maneira geral, conforme já fora citado ao longo de tal trabalho. O movimento atual de tentativa de independência catalã e o papel do Barcelona em relação a isso tudo está diretamente relacionado a uma história de conflito entre a instituição e o governo espanhol, conforme já fora debatido anteriormente. O capítulo mais recente, que contou com o plebiscito e a repressão espanhola foi um desenvolvimento que contou com a figura do atleta Piqué ao manifestar seu apoio a votação e sua insatisfação com a repressão aos manifestantes.

Se por um lado, a posição pública do atleta alienou uma parte da população da Espanha, especialmente os que se opunham a realização da consulta e que viam tal forma de manifestação como sendo ilegal e antipatriótica; por outro lado, a escolha política do atleta em apoiar o plebiscito, em ter ido votar e não ter manifestado publicamente sua preferência pela independência da Catalunha, ao mesmo tempo em que se punha a favor da possibilidade democrática de decidir, o colocou, virtualmente, dentro de uma perspectiva positiva de toda a população catalã, incluindo os que são contrários a independência, posto que mesmo os que não são irredentistas, enxergaram a repressão policial como desproporcional.⁸² Filmagens de jovens, senhores, mulheres e crianças sendo atacadas pela Guarda Civil trouxeram fortes ecos do governo repressor de Franco, figura que conta com um profundo desprezo por grande parte da população catalã. Assim, mesmo pessoas contrárias a independência, se posicionaram a favor de um pleito democrático, ou ainda, se posicionaram contra a violência estatal.

Piqué não usou de seu nome e de sua plataforma como atleta do Barcelona para defender a separação da Catalunha, e sim como forma de garantir o direito de escolha e livre-representação do povo catalão. Tal posicionamento teve o apoio de grande parte da população local. Ao mesmo tempo, grande parte da população poderia enxergar na constante manifestação de apoio e orgulho frente a identidade catalã como uma maneira tácita de apoio a independência. Logo, Gerard Piqué adotou uma postura bastante semelhante a postura institucional do Barcelona.

O FC Barcelona não se posiciona positivamente ou negativamente em relação ao plebiscito e a uma ideia de uma Catalunha independente; entretanto, eles defendem que tal escolha deveria passar pelo povo catalão, o mesmo povo que historicamente fez o clube ser o gigante esportivo que o Barcelona hoje em dia é. O FC Barcelona representa,

⁸² Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/10/violencia-da-policia-espanhola-contra-eleitores-do-plebiscito-choca-europa.html>>. Acesso em: 04/11/2019.

assim, o catalanismo enquanto uma identidade cultural e étnica mais do que como um movimento político. De maneira semelhante, Gerard Piqué não se posiciona publicamente em relação ao resultado que ele gostaria que fosse obtido pelo plebiscito separatista. Piqué defende o catalanismo como uma forma de autodeterminação política e cultural, que poderia ou não passar por um processo de independência, mas que passaria por uma escolha democrática catalã, e que fora atacado de forma bastante violenta pelo governo espanhol.

Logo, Piqué tornou-se um símbolo da identidade catalã ao mesmo tempo em que tornou-se um dos principais jogadores do FC Barcelona por mais de uma década, seguindo uma fórmula bastante semelhante a do FC Barcelona frente ao cada vez mais presente e ativo movimento irredentista catalão, buscando sempre colocar o desejo da população como norte a ser seguido, ao mesmo tempo em que colocam a identidade catalã em primeiro plano. Tanto Piqué quanto o Barcelona são, portanto, catalães em primeiro lugar, dentro de uma estrutura espanhola; a escolha de permanecer dentro da mesma deveria ser tomada democraticamente dentro de tal perspectiva identitária.

Considerações finais

O nacionalismo pode ser considerado uma corrente de pensamento que valoriza todas as características de uma nação, tais quais a defesa de territórios, a manutenção da língua, as manifestações culturais e a utilização dos símbolos que representam a nação, como o hino nacional e a bandeira, resistindo, dessa forma, aos processos que possam extinguir tal identidade ou mudá-la. A Espanha teve várias bandeiras ao longo de sua história e só com a Constituição de 1978 veio a ter uma definitiva, além disso, o país teve diversos hinos diferentes e o atual não tem letra, isso ajuda a explicar o fato de que, diferentemente de outras nações europeias, existem por lá movimentos separatistas com grande relevância, por exemplo, o catalão e o basco. O fato de não ter tido um grande inimigo a partir da metade do século XIX, o último foi Napoleão no início de tal século, também ajuda a explicar o fracasso espanhol na construção de um nacionalismo uniforme.

Os catalães reivindicam o direito de se autogovernar e de terem autonomia referente a interesses econômicos e políticos próprios, por exemplo, o poder de decidir sobre a separação ou não da Espanha. Além disso, alegam que a cultura catalã é distinta da espanhola, sustentando que a presença de seu povo na região antecede a própria criação do Estado espanhol e também alegam que a Catalunha é uma nação oprimida

historicamente pela Espanha, com sua cultura e língua sofrendo diversas repressões ao longo da história. (PUJALS, 2011).

Outro argumento é o de caráter econômico, os catalães alegam que sua região está sofrendo uma exploração econômica por parte do governo central, já que, segundo eles, os impostos direcionados ao governo espanhol não são traduzidos em investimentos na Catalunha (a Catalunha afirma que paga ao governo central 15 bilhões de euros a mais do que recebe de volta em verbas para serviços e projetos públicos).⁸³ Com a independência todos os recursos ficariam na Catalunha e seriam geridos por eles próprios.

Entende-se que há ainda aspectos a se considerar para a definição final do rumo da Catalunha, como os catalães e os partidos políticos da região contrários à separação da Espanha. Alguns empresários são contrários à separação perante a Espanha para continuar tendo acesso a maiores mercados e à associação aos produtos espanhóis que têm ampla credibilidade no mundo. Outros consideram que a possível saída catalã da União Europeia e dos tratados internacionais seria muito arriscada, considerando as implicações de caráter social, econômico e monetário, pois mesmo que a Catalunha tentasse futuramente fazer parte da União Europeia, teria que ter a aprovação dos seus membros, como a Espanha, que, possivelmente, seria contrária. — Segundo o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, se uma região ou um governo regional de um Estado membro se declara independente "estará automaticamente fora da União Europeia". "Se uma parte de um Estado membro deixa de ser parte desse Estado porque o território se torna um país independente, os tratados já não se aplicam mais a essa nova região independente."⁸⁴ — Além disso, existem catalães que consideram que a Espanha e a Catalunha são uma unidade só, com hábitos e características semelhantes, por exemplo, o sobrenome Garcia, o mais comum em ambas as regiões.

A Espanha não é favorável a secessão da Catalunha, visto que os catalães são um dos maiores motores econômicos espanhóis, com a contribuição ao PIB, ao turismo e às exportações sendo superior a qualquer outra região autônoma. Assim, na visão espanhola conceder a autonomia para a Catalunha seria perder uma fonte de renda estável. A territorialidade espanhola também seria abalada, já que o território seria fragmentado,

⁸³ Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/celular/noticias/2012/09/120912_catalunha_independencia_analise_fn.shtml>. Acesso em: 22/10/2019.

⁸⁴ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/17/internacional/1442481238_663863.html>. Acesso em: 27/10/2019.

sendo que este é elemento constitutivo imprescindível para qualquer Estado Soberano. Além disso, tal secessão poderia incentivar a ação de outros movimentos separatistas, já que seria aberto um precedente para outras regiões autônomas espanholas também pleitearem a independência. Dessa forma, o governo central alega que o separatismo político catalão é inconstitucional, sendo uma afronta à Constituição Espanhola e a soberania do país e que conforme os artigos 1º e 2º da Constituição são reconhecidas a autonomia das nacionalidades e as características regionais e históricas das comunidades autônomas, como a Catalunha, e que por mais que o castelhano seja a língua oficial do país, as outras línguas espanholas, por exemplo, o catalão, são ensinadas nas escolas. (ROSELLO, 2015)

A Catalunha é um caso não muito comum, no qual a busca pela independência apresenta grande apoio popular e não tem a existência de um relevante movimento radical armado, assim sendo, o esporte, notadamente através do FC Barcelona, se torna um meio importante para a projeção internacional da região, bem como na tentativa de influenciar os atores internacionais no sentido do seu reconhecimento como uma nação independente e também na consolidação de identidades. O FC Barcelona funciona como um instrumento histórico-cultural que carrega e populariza a identidade separatista catalã ao redor do mundo.

O Barcelona é um clube que ao longo de sua história sempre esteve voltado contra ditaduras. Um exemplo foi durante o governo de Primo de Rivera⁸⁵, quando, em 1925, seus torcedores vaiaram o hino da Espanha em uma partida.⁸⁶ Como punição, o clube foi fechado por seis meses e ocorreu a renúncia forçada do presidente da equipe na época, Joan Gamper. A Catalunha, anos mais tarde, viria a ser a sede da resistência contra a ditadura franquista, fato este que levou o ditador a nutrir verdadeiro ódio pela região e proibir símbolos catalães de serem utilizados, incluindo a própria língua catalã.⁸⁷ O Real

⁸⁵ Miguel Primo de Rivera y Orbaneja foi um militar e ditador espanhol.

⁸⁶ Vaias essas que viriam a ser repetidas algumas vezes na história, por exemplo, em 2016, com o time estrelado do Barcelona que tinha craques, como Piqué, Daniel Alves, Neymar e Messi e era o atual campeão da competição mais importante da Europa, a Liga dos Campeões. A torcida catalã, mais uma vez, vaiou o hino espanhol. Disponível em <http://www.espn.com.br/video/600849_tempo-real-parte-da-torcida-vaia-durante-o-hino-da-espanha-no-vicente-calderon>. Acesso em: 04/11/2019.

⁸⁷ Com a ditadura franquista, o nome do clube Barcelona mudou de *Fútbol Club Barcelona* para o castelhano *Club de Fútbol Barcelona*, e o escudo do clube teve a bandeira catalã substituída pela bandeira da Espanha. Anos mais tarde, com o fim da ditadura franquista, o Barcelona voltou ao seu nome e também ao seu escudo original.

Madri, rival histórico do Barcelona e time de infância de Franco, se tornou o clube da propaganda do governo franquista. Franco tinha o intuito de destruir tudo que fosse ligado a Catalunha, e o Barcelona, como o grande símbolo catalão, sofreu grande represália, como, em 1936, o assassinato a tiros pela guarda franquista do então presidente do clube, Josep Sunyol, e um bombardeio ao prédio de troféus da equipe.⁸⁸ Com o enfraquecimento do franquismo, o clube adotou então o lema "*Més que un club*", reforçando e eternizando sua ligação com a identidade catalã.

Ocorreram transformações significativas no esporte desde o início da sua profissionalização até a atualidade. A introdução da mídia e da comunicação na sociedade ajudou a difundir os eventos esportivos e com isso diversas nações usaram o esporte com o objetivo de propagar suas ideologias. Como o Fascismo na Copa do Mundo de 1934 na Itália e o Nazismo nas Olimpíadas de 1936 na Alemanha. Ademais, o esporte influenciou nas relações entre as nações, como os boicotes dos Estados Unidos as Olimpíadas de 1980 e da União Soviética as Olimpíadas de 1984. Rivais durante a Guerra Fria, ambos travaram disputas não só nos campos políticos, econômicos e militares, mas também através dos resultados esportivos conquistados, sendo o esporte utilizado como uma ferramenta de política externa, através do prestígio e orgulho em ver seus atletas conquistarem glórias. Dessa forma, vitórias ou derrotas nos eventos esportivos, poderiam fortalecer ou enfraquecer a imagem que o mundo tem sobre determinada nação. (RUNCO, 2009)

Por último, investir no esporte pode ser considerado benéfico para as nações. Potências, como Alemanha, Rússia (ex-União Soviética), China e, notadamente, os Estados Unidos, têm resultados de expressão no campo esportivo ao mesmo tempo em que são países que exercem grande influência no sistema internacional. A Catalunha através do prestígio do esporte e das glórias do FC Barcelona encontrou um terreno de afirmação em que o caráter identitário é evidente, com as grandes estrelas da sua equipe, como Piqué e Messi, expondo os valores catalães. Afinal, de acordo com Nye, “ganhar corações e mentes sempre foi importante, no entanto o é ainda mais importante na era da informação global.”⁸⁹

⁸⁸ Conforme o escritor Manóel Vasquez Montalban, citado no livro “Como o futebol explica o mundo”, de Franklin Foer: “As tropas de ocupação de Franco entraram na cidade. A quarta organização a ser expurgada, depois de comunistas, anarquistas e separatistas era o FC Barcelona.”

⁸⁹ NYE, *Soft Power...* p.1.

Referências bibliográficas

ALLAND, Alexander. *Catalunya, One Nation, Two States: An Ethnographic Study of Nonviolent Resistance to Assimilation*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

AMAZARRAY, Igor Chagas. *Futebol: o esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional*. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40288/000827664.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. et al. *Um Mapa da Questão Nacional*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2000.

ANDRADE, Iara. *Algumas reflexões sobre o conceito de identidade nacional*. In: Encontro regional da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2010.

ANGUERA, Pere. *Cataluña en la España contemporánea*. Lleida: Milenio, 2006.

ARNAUD, Pierre; RIORDAN, James. *Sport and International Politics*. Nova Iorque: Taylor & Francis, 1998.

BALCELLS, Albert. *Catalan Nationalism: Past and Present*. New York: St. Martin's Press, Inc., 1996.

BALL, Phil. *Morbo: The Story of Spanish Football*. Nova Iorque: WSC Books Limited, 2003.

BARROZO, Cláudio. Intolerância religiosa ou disputa pelo poder?. In: *Cadernos do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2013.

BARTH, Fredrik. *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Cultural*. Londres: Waveland Press, 1969.

BAYONA, Antoni. El “dret a decidir” i els valors fundacionals de la Unió Europea. *Revista d'Estudis Autonòmics i Federals*, Barcelona, n. 20, p. 132-173, 2014.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 13 ed. v. 1. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Les Héritiers: Les étudiants et la culture*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

BORGEN, Christopher. From Kosovo to Catalonia: separatism and integration in Europe. *Goettingen Journal of International Law*, Göttingen, v. 2, n. 3, p. 997-1033, 2010.

BURNS, Jimmy. *Barça: A People's Passion*. Londres: Bloomsbury Publishing, 1998.

CANCELA-KIEFER, Michaela. *Analysis: Why Catalan and Basque separatists are going different ways?*. In: The Local, Spain. 30 de abril de 2018. Disponível em: <<https://www.thelocal.es/20180430/analysis-why-catalan-and-basque-separatists-are-going-different-ways>>. Acesso em: 10 set. 2018.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2010.

CHAGAS, Rodolfo. A Ascensão dos movimentos nacionalistas na Europa Ocidental no período pós-Guerra Fria. In: *Publicação do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Espírito Santo, 2014.

COMPARATO, Fábio. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

CONVERSI, Daniele. *The Basques, the Catalans, and Spain: Alternative Routes to Nationalist Mobilisation*. London: Hurst & Company, 1997.

CRAWFORD, James. *The Creation of States in International Law*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

DOBSON, Stephen; GODDARD, John A. *The Economics of Football*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ENNES, António. *História de Portugal*. Vol 1. São Paulo: Forgotten Books, 2018.

ESPAÑA. Constitución Española (1978). *Boletín Oficial del Estado*, Madrid, 29 dez. 1978. Disponível em: <<https://www.boe.es/boe/dias/1978/12/29/pdfs/A29313-29424.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 176.

FOETSCH, Alcimara. Refletindo sobre as identidades culturais, a “raça” e a etnicidade. *Revista Espaço Acadêmico*. Paraná, n. 69, 2007.

FISK, Peter. *Business Genius: A More Inspired Approach to Business Growth*. Nova Iorque: John Wiley and Sons, 2008.

GABRIEL, Pere (2000). "Las bases políticas e ideológicas del catalanismo de izquierdas del siglo XX". *Espacio, tiempo y forma. Serie V, Historia contemporánea*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia. 13: 73–104.

GELLNER, Ernst. *Nations and Nationalism*. Cornell University Press, 1983.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: O Estado Nacional e o Nacionalismo no Século XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

GUIMARÃES, Samuel. Nação, Nacionalismo, Estado. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 22, n. 62, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 19 jan. 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAMMER, Joshua. *Peace At Last?* In: *Smithsonian Magazine*, jan. 2007. Disponível em: <<https://wayback.archive-it.org/all/20130419175931/http://www.smithsonianmag.com/people-places/basque.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

HOBBSBAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2004.

IKEDA, Maria Angélica. *O princípio da autodeterminação dos povos: o nacionalismo e a autodeterminação das minorias nacionais no direito internacional*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. NY: Simon & Schultzer, 1995.

KUPER, Simon; SZYMANSKI, Stefan. *Soccernomics*. Londres: Bold Type Books,

2018.

MARCHIONI, Alessandra. O “Princípio da Autodeterminação dos povos” no Direito Internacional e o Contraponto Constitucional do “Princípio do Indigenato”. In: *Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais: da previsão normativa à efetividade no Brasil*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.

MASTROVITO, Frank. *Basque and Catalan Nationalism: A Comparison*. Dissertação de Mestrado apresentada para o departamento de estudos da Europa Ocidental - Universidade de Indiana, 1995.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 1966.

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio Corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

NORTON, Bonny. *Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change*. London: Pearson Education, 2000.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé. *Os nacionalismos na Espanha contemporânea: uma perspectiva histórica e algumas hipóteses para o presente*. 1995. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223380921I5qRE8oj8Nl88ZC7.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. *Uma reflexão transnacional sobre a historiografia das nações e dos nacionalismos na Europa (Séculos XIX-XX)*. 2016. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_221_art07.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

NYE, Joseph. *Paradoxo do poder americano*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *Soft Power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004.

PAYNE, Stanley G. *Fascism in Spain, 1923–1977*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1999.

PUJALS, Joan Maria. *As Novas Fronteiras da Identidade - Um caso concreto: Catalunha*. São Paulo: Instituto Raimundo Lúlio, 2011.

RAMINA, Larissa. O Princípio da Autodeterminação dos Povos e seus paradoxos: a aplicação na Guerra do Cáucaso de 2008. In Publicação nos *Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI*. Fortaleza, 2010.

ROMÃO, Felipe. A transformação dos mecanismos de materialização política das identidades nacionais: o Estado autonômico espanhol e a emergência das autonomias-nação basca e catalã. *Revista Brasileira de Política Internacional, Brasília*, v. 56, n. 2, 2013.

ROSELLO, Maria Amparo dos Santos. Separatismo Político: o Caso da Catalunha. In *Publicação do Curso de Relações Internacionais da Faculdade Santa Marcelina*. Ano 15 – Nº 41 / 1º Semestre 2015.

RUNCO, Bruno. *O esporte como soft power: os jogos olímpicos e as copas do mundo*. Rio de Janeiro: Unilasalle, 2009.

SOBREQUÉS, Jaume. *Història de Catalunya*. Catalunha: Editorial Base, 2011.

SERAPIGLIA, Daniele. *Barça, més que un club: le radici del catalanismo blaugrana nel contesto della sportivizzazione spagnola*. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/30445743/IL_BAR%C3%87A_M%C3%89S_QUE_UN_CLUB_LE_RADICI_DEL_CATALANISMO_BLAUGRANA_NEL_CONTESTO_DELLA_SPORTIVIZZAZIONE_SPAGNOLA_in_Spagna_contemporanea_2016_n._50_pp._143-168>. Acesso em: 2 set. 2018.

SPAAN, Ramón. *Understanding Football Hooliganism: a Comparison of Six Western European Football Clubs*. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2006.

VELEDA, Valentina. A Espanha sob o regime franquista: do isolamento à aceitação internacional (1959 -1953). In: *Espanha Política e Cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 8-17. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/espanha.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

WITZIG, Richard. *The Global Art of Soccer*. Londres: Cusiboy Publishing, 2006.

WOOLARD, Kathryn A. *Double Talk: Bilingualism and the Politics of Ethnicity in Catalonia*. Stanford: Stanford University Press, 1989.